Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



CAROLE LOMBARD e CHARLES LAUGHTON

são os protagonistas do filme recentíssimo de Garson Kanin, «O Outro», que a Radio Filmes vai apresentar no Tivoli. A presença dos dois grandes actores é o bastante para garantir um êxito enorme

2.ª SÉRIE—N.º 10—PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS—LISBOA, 13 DE JANEIRO DE 1941—PREÇO: 1$50

estreias do Animatógrafo

«ANIMATÓGRAFO» VÊ SEMPRE AS FITAS ANTES DOS SEUS LEITORES. MAS VÊ-AS PARA LHES CONTAR ALGUMAS, EM IMAGENS E EM PROSA, PROPORCIONANDO-LHES ASSIM UMA ESTREIA, ANTES DE QUALQUER CINEMA

ALIANÇA FILMES
apresenta
«OS MÉDICOS TAMBÉM CASAM»
(The Doctor takes a wife)
Realização de *Alexander Hall*
Produção de *William Perlberg*
para a Columbia Picture
Argumento original de *George Seaton* e *Ken Englund*

Personagens:

June Cameron .... LORETTA YOUNG
Dr. Sterling .... RAY MILLAND
Marilyn Thomas. .... GAIL PATRICK
John Pierce. ...... REGINALD GARDINER





O amor e a glória são rialmente rivais? Até que ponto a carreira dum homem interfere na sua vida privada? Pode um bom médico ser um bom marido? Deixemos estas interrogações em suspenso... até chegarmos no fim, ou talvez mesmo depois...

June Cameron (Loretta Young), escritora em voga, conheceu o Dr. Sterling (Ray Milland) em circunstâncias invulgares. Não se pode dizer que sejam feitos um para o outro: ela descrê dos homens, êle detesta as mulheres intelectuais. E, no entanto...

...Mas como se conheceram? Perdido o último comboio para Nova Iorca, June aceitou de bom grado um lugar no carro do Dr. Sterling. No caminho viram-se forçados, pelo trânsito, a fazer parte dum cortejo nupcial — e os repórteres tomaram-nos por noivos.







Quem não ficou satisfeito com o caso foi John Pierce (Reginald Gardiner), editor encartado e admirador encapotado da linda June. Mas para aproveitar o incidente pede ao médico que não desminta o casamento, visto que June prepara um livro sôbre a delícia do matrimónio.

Entretanto chegou da Europa a encantadora Marilyn Thomas (Gail Patrick) e o Dr. Sterling, sôbre quem ela tem certos direitos, é obrigado a confessar-lhe, aliás com muita convicção, que o casamento é só para americano ver.

Enquanto dura, vida doçura... June não tem pressa em acabar o livro; o médico absorve-se no estudo das doenças de coração, o que o obriga a examinar, com frequência, a origem do mal... O editor e Marilyn vão dando sinais de impaciência.







O Dr. Sterling acaba de saber que o seu prometido lugar de professor numa universidade vai-lhe ser concedido, visto que os médicos casados têm preferência na admissão. O casal dos noivos está cada vez mais perto da realidade, embora se mantenha a estranha situação.

Um jornal mexeriqueiro descobre a falsidade e propõe-se tudo revelar. O editor, a publicita e o médico sentem os seus créditos por mãos alheias, e tremem com a ameaça do escândalo. O Dr. Sterling enche-se de razão em abominar as mulheres intelectuais.

Mas um novo incidente estabelece uma perturbadora intimidade. June tem agora todos os elementos para escrever a obra: a sua vida. E o Dr. Sterling, depois de convencer Marilyn a ceder-lhe os tais direitos anuncia ao jornal que o casamento com a June é um facto consumado.

(*Texto de Antonio de Carvalho Nunes*)

2.ª série / N.º 10 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

13 de Janeiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef. P. A. B. X. 27507) — LISBOA

GARCIA VIÑOLAS

Chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha, veio a Portugal

ANTÓNIO FERRO, Director do S. P. N. propõe-se estudar com êle um acôrdo da maior importância para o cinema dos dois países da Península Ibérica

Manuel Augusto Garcia Viñolas, chefe do Departamento Nacional de Cinematografia de Espanha, cumpriu o prometido. Poucas semanas depois daquela sua carta em que nos prometia vir a Lisboa passar as suas férias — uma curtas férias de quem tem pelo trabalho vivo um culto fervoroso e tirânico — Manuel Augusto descia dum dos magníficos bimotores dos Serviços Aéreos Espanhois (quando teremos aviões portugueses em carreiras continentais?...), no aeródromo da Granja do Marquês.

Aguardavam-no ali, além dos repórteres dos jornais e dos operadores da S. P. A. C., os dois portugueses com quem o cinegrafista espanhol já estabelecera contacto: António Lopes Ribeiro, nosso director, e Fernando Fragoso, correspondente em Portugal de «Primer Plano».

O apêrto de mão fraternal e o sorriso claro com que saüdou ambos disseram mais longamente sôbre as relações já firmadas que tôda uma longa série de afirmações públicas.

Garcia Viñolas sabia que vinha encontrar em Portugal, por ser espanhol e por ser êle próprio, a verdadeira e cordeal compreensão que deve unir, irremediàvelmente, as duas nações da Península Ibérica. Sabia que encontraria aqui pessoas dispostas, como êle, a fazer do cinema do seu país alguma coisa de estável e de sério. E os que o aguardavam sabiam que chegava um autêntico irmão de armas, pronto a pelejar com êles em nome da mesma dama esquiva, mas sedutora, que é a Cinematografia, tal como aqueles cavaleiros que se degladiavam do mesmo lado do campo, nos torneios antigos, contra os amantes de outras donas, bem mais fáceis que estas de «tirar pelo natural», para as pintar nos escudos...

Os inimigos de agora e desta dama não são fáceis de vencer: chamam-se êles Dúvida, Rotina, Burocracia, Indiferença Oficial... Mas não há que perder tempo em enumerar os nomes dos contrários. O que é preciso — e o que se vai fazer — é unir fileiras e aguentar firme, não poupando nem gregos nem troianos, desde que seja a mesma Helena o prémio da vitória.

Garcia Viñolas deu logo nesse dia, e logo após a chegada, uma volta por Sintra, Cascais, Estoris, Belém (onde admirou o que sobra da maravilhosa Exposição do Mundo Português, e que, para nós que a vimos em tôdas as suas galas, um ar *depenado* que desola); e entrou em Lisboa pelo melhor lado; pois os que o aguardavam sabiam Viñolas um verdadeiro esteta, um alto valor literário, e usaram de tôdas as precauções que a sua sensibilidade merece, embora a mútua amizade pudesse dispensá-las.

Um encontro com António Ferro

Não estamos autorizados a desvendar tudo o que da visita, embora rápida, do Chefe do Cinema Espanhol, pode e vai resultar para o intercâmbio cinematográfico luso-espanhol, tanto sob o ponto de vista cultural ,como sob os aspectos industrial e comercial, que, no cinema a sério, são imprescindíveis.

Diremos apenas que, dum encontro entre Garcia Viñolas e António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional, resultou ficar assente o estudo imediato de tôdas as possibilidades de trabalho em comum e de permuta cinematográfica entre Portugal e Espanha, estudo que será submetido à aprovação dos dois Govêrnos e de que resultará um acôrdo de altíssimos alcance e importância.

Na próxima visita de António Ferro a Madrid, onde irá apresentar a companhia de bailados portugueses «Verde Gaio», que tão prometedor futuro abriu à coreografia em Portugal, o assunto será discutido em Espanha tal como agora o foi em Portugal, para que seja total a reciprocidade dos direitos.

Também podemos dizer que António Lopes Ribeiro, que não é estranho à aproximação e ao acôrdo iniciado, acompanhará à capital de Espanha o director do S. P. N.

Um filme de Garcia Viñolas

Três dias depois da chegada de Garcia Viñolas realizou-se no São Luiz, em sessão particular, reservada apenas a meia-dúzia de pessoas, a apresentação dum filme de Manuel Augusto, primeiro duma série de documentários tìpicamente espanhóis, mas em que procurará reagir contra o signo infalível da Andaluzia sob o qual tem vivido a cinematografia vizinha «Boda en Castilla».

A modéstia do seu autor levar-nos-ia certamente a mal que dissessemos desde já tudo quanto pensamos dêsse magnífico ensaio, onde o bom gôsto nunca sofre o mais pequeno atentado, e que é servido pela mais esplendorosa fotografia que Henrrique Gärtner, agora naturalizado espanhol, tem feito desde que é operador. O acompanhamento musical é do mais cuidado, e salientamos o facto dêle ser feito com um sistema de registo espanhol, que ali demonstra ser excelente.

Veremos brevemente o filme nos nossos écrans, e então lhe faremos a justiça que merece.

«Animatógrafo» saúda em Garcia Viñolas, cujos 28 anos e cujos cabelos brancos representam bem, quer no campo cinematográfico quer no literário (pois Manuel Augusto é um escritor notabilíssimo, poeta e ensaísta dos melhores), a Espanha Renascida, a Falange vitoriosa, de quem fomos companheiros de armas na guerra de 36, e que tem na juventude portuguesa o melhor estímulo e o mais leal amigo.



No aeródromo da Granja, o director de «Animatógrafo», António Lopes Ribeiro», e o correspondente de «Primer Plano» em Portugal, Fernando Fragoso, aguardavam Garcia Viñolas

---

Cada vez melhor — é a divisa do «ANIMATÓGRAFO». Além disso, os leitores merecem tudo.

Aí está a razão porque decidimos melhorar, a partir dêste número, o papel e a impressão das páginas interiores.

Não nos contentamos com promessas: queremos e oferecemos realidades tangíveis.

LEOPOLDO O'DONNELL

«Animatógrafo» evoca a carreira do emprezário do OLYMPIA de Lisboa, agora falecido



A homenagem póstuma de Animatógrafo a Leopoldo O'Donnell não se limita a esta página. No próximo número publicaremos uma carta de José Figueirôa, que foi secretário do Olympia

Estas palavras dirigem-se aos cinéfilos de hoje para lhes contar quem foi Leopoldo O'Donnel, o empresário cujo nome ficou ligado à história do cinema português, e aos cinéfilos de ontem afim de recordarem alguém que lhes foi familiar e evocar um período interessante do cinema nacional e estrangeiro.

A Leopoldo O'Donnell, há pouco falecido, ficaram os cinéfilos de ontem de hoje a dever a intensificação do gôsto pelo cinema, a popularidade do espectáculo cinematográfico e, muito principalmente, a visão das obras-primas saídas ao tempo dos estúdios mundiais. Nessa época o cinema italiano atingira a sua idade de oiro. Francesca Bertini, Lydia Borelli e Pina Menichelli eram as grandes vedetas cujos nomes andaram em tôdas as bôcas e até em muitos corações. O'Donnell lançou-as. O público adorou-as. Adoração tão grande e tão profunda que êsse admirável empresário não hesitou—como «Animatógrafo» já o disse — em promover a primeira conferência sôbre cinema. Lembram-se, decerto, das «Grandes Trágicas do Silêncio», conferência por António Ferro.

Filmes célebres e que ficaram como padrões na história do cinema, e que salões lisboetas de grande classe recusavam por temer o público, desfilaram na tela branca do Olímpia.

Época memorável essa — e da qual os cinéfilos da velha guarda conservam gratas recordações — em que visionámos, entre outros, «Paraíso roubado», de Lubitsch; «Kean», com Mosjoukine; «Os mestres cantores de Nuremberg»; «Chapéu de palha de Itália» e «Nas Garras do Vento», de René Clair; «Sombras» e outros, muitos outros que seria fastidioso recordar.

Leopoldo O'Donnell tinha visão comercial e foi, como veremos, um dos que acreditou firmemente nas possibilidades do cinema português. Animado pelo êxito obtido pelo seu amigo e colega sr. Sabino Correia, que no Chiado Terrase experimentara as possibilidades da exploração de filmes, O'Donnell funda com aquele o cinema Olímpia, que se inaugurou a 23 de Abril de 1911 e à frente do qual se manteve até à morte.

Nenhum outro cinema teve, há vinte anos, a popularidade de que o Olimpia gozou ao lançar entre nós os filmes de «cow-boys» e as séries.

Os famosos «Mistérios de Nova York», que tiveram grande repercussão entre o público, também passaram na popular casa de espectáculos, apresentados pela mão do malogrado empresário.

Algumas das primeiras fitas portuguesas saídas dos estúdios da «Invicta-Filme», do Pôrto, estrearam-se, mercê do entranhado amor de O'Donnell pelas nossas produções, no Olimpia, que lhes deu publicidade condigna.

Mas não se limitou ao cinema que fundara a actividade do singular animador dos espectáculos cinematográficos. As suas explorações estenderam-se igualmente ao Coliseu dos Recreios e ao Politeama. Foi neste último cinema que O'Donnell estreou o célebre filme «A moeda quebrada», de que muitos cinéfilos se recordam com saüdade.

Parecendo-lhe restricta a sua actividade como exibidor, o empresário cuidou também do problema da produção. Juntamente com a escritora D. Virgínia de Castro e Almeida — conforme «Animatógrafo» já recordou — fundou a «Fortuna Filmes», cujos estúdios se erguem ainda na rua de S. Bento, embora hoje a servir a outra indústria, que não a de cinema. Ali se produziram, sob a direcção do realizador francês Roger Lion, dois filmes que marcaram: «Sereia de Pedra» e «Olhos da Alma» e trabalharam, entre outros, os artistas D. Maria Emília Castelo Branco, Eduardo Brazão e Artur Duarte.

O êxito estrondoso do «Barrabás» e do «Cheri-Bibi» — os grandes cinedramas publicados em folhetins no «Diário de Notícias» — marcaram outro estádio, muito curioso, na carreira do empresário, que trouxe Lisboa interessada e suspensa das suas iniciativas.

Um dia, para corresponder ao agrado que o público dispensava a tôdas estas, contratou Max Linder, o cómico famoso que foi, na verdade, o inspirador de Chaplin. O intérprete do «Botequim de Felisberto» e dos «Três Mosquiteiros» veio acompanhado da bailarina Napierkoska. A apresentação de Max Linder, no palco do S. Luiz, não correspondeu em absoluto, pois que êle era um grande cómico na tela, mas não tinha condições para actor de teatro; todavia, a sua entrada na capital constituiu um acontecimento raro, pelo interêsse que despertou, pela aglomeração de povo em frente da estação do Rossio... e até pela intervenção da polícia que se intrometeu com o artista — enquanto a cena era registada por um, ou dois, operadores portugueses.

Amigo de teatro, Leopoldo O'Donnell montou, no Salão Edison, a revista «Ena, pai»; no teatro da rua dos Condes (hoje cinema) a revista «Feira da Vida»; no antigo Eden, que explorou associado a Luiz Galhardo e Carlos Borges — fez representar uma peça de Eduardo Schwalback, «As duas garotas de Paris», baseada no filme do mesmo título, exibido no Olímpia. Teve também um teatro no Conde Barão, que explorou largo tempo. Finalmente, com o malogrado Lino Ferreira, fundou o teatro Maria Vitória.

Quando se fala de Leopoldo O'Donnell não se pode deixar de fazer referência ao seu explêndido carácter, ao seu espírito afável e bondoso.

Lembram-se, sem dúvida, da sua iniciativa dos brindes. Os brindes do Olímpia deram brado em Lisboa. O espectador recebia uma senha com o seu bilhete e aguardava o sorteio mensal. Quando os prémios não eram levantados, O'Donnell oferecia-os ao Govêrno Civil com esta indicação singela e eloqüente: «Para os pobres». O governador civil dêsse tempo admirava-o muito pelo seu espírito caritativo e pela rectidão do seu carácter.

O sr. Sabino Correia, que acompanhou êsse homem admirável durante vinte e um anos, é testemunha de mil e um factos curiosos que atestam a elevação moral daquele que, juntamente com Raúl Lopes Freire e a Companhia Cinematográfica de Portugal, foi um dos precursores do verdadeiro espectáculo cinematográfico em Portugal.

Ao recordar o seu nome, «Animatógrafo» quis render justa homenagem à sua memória, contar aos cinéfilos de hoje quem foi Leopoldo O'Donnell, e aos de ontem recordar a sua obra e o muito que, sem favor, lhe ficámos a dever.

* * *

Leopoldo de Assunção O'Donnel descendia duma família irlandesa. Nasceu em Lisboa a 4 de Abril de 1870 e chegou a chefe de repartição da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, lugar de que estava aposentado. Era casado com a sr.ª D. Virgínia de Melo Guerreiro O'Donnell e pai da sr.ª D. Fernanda O'Donnell.

Devido às suas inúmeras obras de caridade, foi condecorado com a Cruz de Benemerência.

Por morte do saudoso empresário, a gerência do cinema Olímpia ficou a cargo do sr. dr. Guilherme Viana, a quem, neste momento, endereçamos votos duma feliz carreira, naquele salão tão popular e que conheceu tantas noites de êxito que constituem as suas melhores tradições.

NOVOS CANDIDATOS

à taça e às medalhas de «ANIMATÓGRAFO»

O praso excessivamente curto que demos às casas distribuidoras de filmes para nos enviarem a lista das produções apresentadas em Lisboa entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro do ano findo fez com que o Júri de Admissão ao Concurso da Taça e das Medalhas não dispuzesse de tôdas elas na sua primeira reünião.

Foi assim resolvido incluir na lista dos candidatos mais dois filmes, dois actores e uma actriz, por merecerem reconhecidamente concorrer aos prémios de 1940.

São êles os seguintes:

«MOCIDADE TRIUNFANTE»
(Sonoro Filme)

«PRÍNCIPE DE GALES»
(Filmes Castelo Lopes)

RALPH RICHARDSON
(Pela sua interpretação em «As Quatro Penas Brancas» da Sonoro Filme)

TYRONE POWER
(em «Justiça de Jesse James» e «Maldição da Índia», da Fox Filmes)

ANNA NEAGLE
(em «Irene», da Rádio-Filmes)

O Júri de Classificação, a quem já foram remetidos os Boletins de voto, terá assim que pronunciar-se sôbre êles.

Aproveitamos o ensejo para fazer uma correcção: o filme «Fui uma Aventureira» foi apresentado pela «Sonoro-Filme, e não pela S. I. F., conforme saiu na primeira lista.

PANORÂMICA

Cinema de Amadores

Desde a publicação do primeiro número de «Animatógrafo» que chovem sôbre a nossa secretária cartas e cartas reclamando a criação duma secção de Cinema de Amadores. Se as não atendemos até aqui como certamente merecem, não foi por não termos em consideração êsses «cinéfilos» dos 8, 9,5 e 16 milímetros. Mas confessamos a nossa dúvida primeira em misturar ou não numa revista que ostenta como seu maior galardão o qualificativo de «profissional», o cinema de 35 milímetros com o de formato reduzido.

No entanto, tantos e tão instantes foram os pedidos e incentivos, que nos dispusemos a criar a secção que nos solicitavam.

No entanto queremos desde já marcar uma atitude, que temos por fundamental: as missões de uma e de outra cinematografia são inteiramente distintas. Tanto é de condenar o profissional que cultiva o amadorismo do «ângulo», do «bonito» e do «exquisito», como o amador que macaqueia os aspectos próprios do cinema em ponto grande.

Nesse e só em tal sentimento orientaremos tudo o que em «Animatógrafo» se escreva sôbre Cinema de Amadores, técnica, crítica, princípios ou finalidades.

Frieza saloia

É muito difícil trabalhar para o público. Mas muito mais difícil ainda trabalhar para um público frio, gelado por pretenções e preconceitos. Infelizmente — o nosso público é assim. A prova tivemo-la naquela estreia de «Rebecca» a que assistiram os nossos hóspedes da semana passada, Laurence Olivier e Vivien Leigh, o primeiro dos quais tem no protagonista uma criação muito notável.

Para cinéfilos de verdade, a simples presença de artistas de tal categoria, de que todos os jornais haviam anunciado a passagem entre nós, bastaria para entusiasmá-los, provocando ovações merecidíssimas. Dando-se a coïncidência de estarem presentes a um espectáculo de que êle era o primeiro intérprte, o entusiasmo deveria redobrar.

Pois só lhes concederam palmas de favor, dadas com uma falsa superioridade saloia, que começa por colocá-los mal e, depois, nos coloca mal a todos. Onde está a apregoada hospitalidade portuguesa? Onde está a mais elementar boa educação de pessoas que põem gravata?... Alguns voltaram-se apenas, sorrindo mal, com o ar de quem diz: — Bem te conheço. És o Laurence Olivier, o tipo das fitas. Se estás à espera que eu te dê palmas estás servido. Não ligo...

Além de incorrecção, é parvoeira. E é, em si incompreensível. Se são cinéfilos, pois vão às estreias, e enchem as casas, como não apreciam os grandes artistas de cinema? E se não são cinéfilos, o que é que lá têm que cheirar?...

Intervalos

Quando Vivien Leigh e Laurence Olivier assistiram à estreia de «Rebecca» e veio o famigerado intervalo a meio do filme, êles voltaram-se para nós, surpreendidos, estomagados:

— O que é isto?... Partiu-se a fita?...

Vimo-nos em sérios embaraços para lhes explicar que o público português, principalmente o público das «primeiras», vai ao cinema para ver as senhoras, para botar figura, para ver se a casa está cheia, para comprar fósforos no bufete, para fumar um cigarro, e que tôdas essas distracções fundamentais, para prover às quais se construíram em Hollywood dezenas de estúdios, só podem fazer-se nos intervalos.

Ficaram bastante admirados, mas tiveram a delicadeza de aceitar melhor estas razões que o público aceitou a honra da sua presença.

Vivien disse apenas:

— Então quando vier o «Gone with the Wind» têm que fazer quatro ou cinco intervalos.

Por aí auguramos o êxito que, a fita vai ter entre os nossos «intervalófilos».

Manifestações

Parece que o nosso público não gosta de actualidades cinematográficas. Dizemos isto porque, a-pesar-duma legenda, escrita em português bem claro, pedir aos espectadores que não aproveitem quaisquer imagens para manifestar o seu agrado ou desagrado, sob pena dessas actualidades deixarem de ser exibidas, o público insiste nas manifestações, embora discretas.

Decididamente, quere que lhas tirem.

Quando será que o nosso respeitável público (que hoje, decididamente, está na berlinda...) compreenderá que na maioria das coisas que faz é êle o principal prejudicado?...

Quando será?

LISBOA,

Encruzilhada de Estrêlas

Durante anos e anos, Lisboa, foi, por assim dizer, ignorada do turismo cinematográfico. Quási nos arriscariamos a dizer, pura e simplesmente, do turismo... Mas a verdade é que, antes da nova guerra, já havia cruzeiros que incluiam a nossa capital nos seus itinerários, despejando os navios para os automóveis das agências, rotulados como bagagens, muitas centenas de viajantes ociosos, que devoravam, a correr umas queijadas em Sintra e deglutiam à pressa uma chàzada no Estoril. Mas só muito raramente assomavam por aí envólucros carnais das sombras luminosas que, essas, graças a Deus, todos os dias nos visitam, ao reflectir-se nas telas portuguesas.

Agora, porém, confirma-se o provérbio: não há fome que não dê em fartura. Poucos «Clippers» e poucos «Ex» não acartam, para cá ou para lá, vindos de Nova York ou a caminho dela, os mais fulgentes luminares da cinematografia. Lembramos, de memória, misturando realizadores e actores, Clarence Brown, Alexander Korda, Eric von Ströheim, Robert Montgomery, Madeleine Carroll, Josephine Baker, René Clair, Julien Duvivier, Jean Renoir, Marie Glory, Jean Murat, Charles Boyer, Georges Rigaud, Ann Dvorak, Lawrence Olivier, Vivien Leigh — para falar sòmente dos de primeira grandeza, e com a certeza de deixar escapar alguns.

Até Charlie Chaplin e Paulette Goddard «quási» chegaram a Cabo Ruivo, sorridentes e aclamados... Alguns vieram (quási todos) enxotados pela guerra, e todos, apenas entre dois trajectos, terrestres, marítimos ou aéreos. E todos também, amàvelmente, mesmo os que, recem-chegados, afrontaram êste estrangeiríssimo frio que nos regela, declararam Portugal um paraíso autêntico, onde há manteiga, e café, e meias de sêda, sinais seguros de ordem, prosperidade e paz.

Mas outra afirmação fizeram que, neste lugar, nos interessa muito especialmente: Portugal reüne tôdas as condições para servir de assento a uma sólida indústria cinematográfica. E não o disseram baseando-se apenas no tão apregoado clima (coitadinho!), na luz radiosa que nos abênçoa do Céu, na terra magnífica que nos agüenta os passos; disseram-no, aqueles que viram fitas nossas, aquelas mesmas de que os meus simpáticos conterrâneos desdenham, com o ar de quem realiza meia dúzia de «Rebbecas» antes do primeiro almôço, e quatro «Sinfonias dos Trópicos» entre o café e o jantar.

Disseram-no Clarence Brown, Korda, von Ströheim, Renoir. Asseguraram-no os mais autorizados, os mais responsáveis, aqueles que não podem dizê-lo por simples amabilidade, pois os seus créditos não podem estar à mercê da reprodução de palavras suas, desde que as profiram, mesmo que sejam publicadas em periódicos quási confidenciais, como os nossos. Sentiram em nós vontade de acertar (fundamental!), engenho cinematográfico, persistência, insatisfação, inquietação, habilidade e — o que é mais importante que tudo, e resume tudo isso — vocação.

E foram êles que nos explicaram a naturalidade dos nossos fracassos e a sobrenaturalidade dos nossos acertos: fazer um «João Ratão» no Lumiar é mais difícil, incomparàvelmente mais difícil que fazer em Hollywood «O Monte dos Vendavais». E nem sequer porque o estúdio seja escasso, ou o laboratório deficiente. O estúdio chega e o laboratório sobeja. Apenas por falta de continuïdade na produção, continuïdade de que resulta treino, treino de que resulta preparação, preparação de que se obtêm resultados. Pela continuïdade pois nos bateremos sempre, e tal como sempre, até que venha; até que as estrêlas que cruzarem nesta Lisboa multicor não venham apenas de passagem, mas para ficar, para filmar, para trabalhar connôsco e para nós.

Sonho impossível? O exemplo de Espanha, agora esclarecido pelas declarações perentórias de Garcia Viñolas, prova-nos que não há sonhos impossíveis. O nosso é mais que possível: é fácil. Basta querer — «alguém» querer. E então poderemos recitar Camões :

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Fàcilmente das outras és princesa...

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

CINEMA PORTUGUÊS

E a respeito de técnicos?...

Justificam-se as causas que nos levam a defender a sua formação

Falámos já do problema das «estrêlas». Vamos abordar hoje a questão dos técnicos. Os meus prezados colegas «Multiplus» e «Bel-Tenebroso» contam-me que só recebem cartas de candidatos a rivais dos galãs cinematográficos. Mas nunca — nem uma só vez, por excepção — lhes apareceu um pretendente a qualquer cargo técnico. Pretende-se ser actor: não se pensa em ser operador, em ser técnico de som, em ser caractrizador, em ser montador de filmes.

Que tenebroso duende afasta a juventude dêsses cargos que exigem responsabilidade, saber e talento? Acaso não agradará criar e fixar imagens em celuloide, dando-lhes volume com sábios golpes de luz, modelando-as plàsticamente, colocando-as em ambientes que podem causar o claro-escuro violento de Rembrandt ou o tom duma suave composição de Watteau?

Há grandes nomes e celebridades no mundo cinematográfico que não andam apregoados pelas tubas dos chefes de publicidade dos estúdios. Desdenharia o leitor assinar-se Gregg Toland —nome do autor famoso da notável fotografia do «Monte dos Vendavais»? Importar-se-ia de ser Harold Rosson, o prodigioso «cameraman» do «Feiticeiro de Oz»? Ou Rudy Maté, o operador de «Mocidade em Fogo»? ou George Barnes, o operador de «Justiça de Jesse James»?

Não são, acaso, universalmente célebres, no meio cinematográfico, os nomes de Jack Dawn, Max Factor Jr., Chakatung, caracterizadores; de Lyle Wheeler, arquitecto autor dos quarenta cenários de «Rebecca»; o de William Anthony Mac Guire, argumentista?

Aquele que pretende abraçar a carreira do cinema, sonha candidamente, romanticamente, apenas com o seu nome em grandes letras nas fachadas das casas de espectáculo, nos cartazes que cobrem as esquinas das ruas; sonnha com os caçadores de autógrafos, com os admiradores que se escondem atrás da correspondência enviada dos cinco cantos do Mundo... querem ser actores só para serem actores, querem ser actrizes, só para serem actrizes! Anseiam por sentir aos pés a vaga de aplausos, o rumor da multidão ávida de contemplar os ídolos! Querem o êxito, o elogio — o amor — a popularidade, a celebridade que vá da terra ao céu e se dilate pelo Universo, através da eternidade!

Querem ser artistas... Cabe preguntar a êsses que desejariam ver-se projectados na tela: conhecem, acaso, os nomes de Ray Bolger, de Jack Haley, de Bert Lahr? Não conhecem. Talvez acreditem agora que inventámos êstes nomes... Pois não é verdade. Trata-se de três espantosos actores de cinema e, no entanto, nenhum deles tem a popularidade de Mickey Rooney ou a de William Powell. Sim, foram êles os criadores do «Espantalho», do «Homem de Lata» e do «Leão Medroso», no «Wizard of Oz». São três artistas espantosos... mas não têm os nomes em grandes letras nas fachadas dos cinemas — e o leitor nem se lembrava deles... Quererão ainda ser artistas — para não ter o nome, em letras de oiro, espalhado por todos os cantos do orbe? Pobres desiludidos! Talvez agora prefiram ser técnicos de valia!

O actor tem uma vida efémera (não lhes contámos, no último número o que foi a carreira dêsse meteoro, que se chama Anna Sten?) e o técnico vive longo tempo.

O seu campo de acção é vasto, importante e curioso. Tem à sua frente os laboratórios — e dentro dêstes quantas modalidades a escolher! Tem o estúdio — e aí encontra um mundo de profissões onde pode aplicar a sua actividade e servir com alma a profissão cinematográfica. Tem as salas de projecção — onde pode ser ditador... Acaso achará ainda pouco?

Mas porque será — interrogamo-nos — que, sempre que se fala em cinema, só há duas tendências nítidas e definidas: ou querer ser intérprete, ou querer ser realizador? Temos aqui uma carta dum leitor que escreve: «Gostaria de um dia ser um grande realizador» (sic). Milhares de leitores declaram a mesma coisa. Centenas deles ficariam, decerto, chocados se lhes preguntássemos:

— E porque não ser operador? E porque não ser planificador? ou anotador, ou ajudante de realização, assistente de imagem, contra-regra, ajudante de revelação?...

Estas considerações talvez não venham fora de propósito. Porque nós pensamos: se não criarmos técnicos, que será o futuro do nosso cinema? Repare-se neste exemplo — o único que apresentamos: os nossos operadores são poucos e não criaram discípulos. Como êles não são eternos, quem os substituirá, mais tarde, quando a roda do tempo os fizer ceder o seu lugar?

MOTA DA COSTA

A ESTREIA de «PORTO DE ABRIGO»

Está definitivamente marcada para o Tivoli a estreia do novo filme «Pôrto de Abrigo», produção da Lisboa-Filme que se anuncia como diferente de tôdas as outras, vindo assim marcar uma nova «étapa» no cinema português. A estreia duma fita nacional produz sempre uma atmosfera de curiosidade e de simpatia. A estreia de «Pôrto de Abrigo» reforça essa atmosfera de espectativa, pois trata-se do primeiro filme português de espionagem — e da primeira obra de grande metragem da Lisboa--Filme. Com «Pôrto de Abrigo» nasce um realizador — aliás já conhecido das suas culturais para o Ministério da Agricultura: Adolfo Coelho. E nasce também uma «estrêla»: Maria da Graça. Voltam, na produção a estrear, a aparecer na tela, Oscar de Lemos e Barreto Poeira; reaparece Patricio Álvares e estreia-se Elisa Carreira. Um conjunto de circunstâncias faz dêste filme uma produção estruturalmente nacional: todos os técnicos e artistas são portugueses.

«Animatógrafo» faz votos para que a estreia do novo filme nacional consagre de tal modo «Pôrto de Abrigo» que os seus autores mereçam, sem favor, um Pôrto... de honra.

VER OUVIR... E FALAR

Não tenho sabido nada da questão do Consórcio a que me referi nestas colunas, quando do aparecimento do «Animatógrafo». Não tenho sabido nada e nem por isso me confesso péssimista. Tenho costela de bom português que acredita no sebastianismo — e não desisto. A seu tempo teremos novidades que convençam certas pessoas de que temos razão ao dizermos que elas duvidam de tudo. E duvidam porquê? Duvidam, antes de mais nada, por comodismo; e, depois, porque está no seu ânimo, porque é neles como que orgânico pensarem e actuarem lamentàvelmente fora da realidade.

Ora a realidade, neste momento, diz respeito ao problema (a que nós portugueses, necessitamos dar urgente solução) da produção nacional.

Eu não estranhei, de certo modo, o cepticismo e o receio que alguns interessados manifestaram quando foi tornado público, há anos, que se havia constituído oficialmente uma comissão resolvida a encarar de frente o dito problema. Houve quem duvidasse dos resultados dessa comissão destinada a estudar a melhor forma de solucionar a questão da produção cinematográfica portuguesa e, no caso de ser considerado praticável o fim a que o seu estudo se propunha, dar imediata realização aos resultados obtidos. Isso que muita gente considerou «asneira» teve como conseqüência a construção do estúdio — ponto de partida para se fazer alguma coisa de geito.

Agora, porém, não se justificam êsses receios nem essas indecisões. O estúdio está de pé. Abandoná-lo a uma existência mantida por meio de balões de oxigénio — seria um crime. Evidentemente, que reconheço que o nosso meio é pequeno. Reconheço que o esfôrço e boa vontade não bastam para fazer triunfar uma causa mesmo quando ela — como a do cinema — é uma causa nacional. O cinema absorve dinheiro com uma sêde insaciável, dir' a rodos, sem o qual a indústria não prospera. Mas para que êsse dinheiro apareça é preciso conquistar a confiança daqueles que não são os que fazem filmes «no verão», apenas por necessidade de valorizar as latas de celuloide estrangeiro importadas todos os anos...

Essa confiança, lògicamente, virá quando o negócio se apresentar com bases sérias. E, para isso, é preciso que se leve a bom fim um plano estudado convenientemente, evitando-se locubrações e fantasias que transtornam sempre o curso das coisas.

O nosso cinema, o cinema português, só pode existir — existindo produção organizada. Porque se espera, então? Casos esporádicos, fitas de acaso, produções acidentais, não dão realidade a esta coisa que todos nós, cinéfilos complicados ou portugueses simples, desejávamos ver palpável e firme: cinema português.

Cinema é arte e é indústria. Dilata-se pois em duas ordens de manifestações: cultural e material. O que significa por outras palavras que interessa amplamente a Nação. Como actividade económica, agita e move abundância de capitais e de braços — trabalho fecundo, portanto, que só há que acarinhar, desenvolver e louvar. Como actividade artística, tem êste valor precioso e único: o espírito vincando o «génio» da raça numa expressão estética nova, inquieta e contemporânea.

AUGUSTO FRAGA

CARTAS DUM CINÉFILO

Conceituado director:

Estou a escrever-lhe com uma grande dificuldade. O meu pai soube, ainda estou para saber como, que eu queria convencê-lo a trespassar o talho para fazer um filme e ficou danado. Diz que não quere brincadeiras com a loja e já me proïbiu de falar outra vez em cinema lá em casa. Eu gostava de saber é como lhe chegou aos ouvidos êste meu plano, visto que só eu e o senhor é que sabíamos. O sr. director não teria contado isto à sua criada e ela não teria ido ao talho do meu pai e dado com a língua nos dentes? Não sendo assim não sei.

Tenho lido com muita atenção o «Animatógrafo» e verificado que a respeito de filmes portugueses, a não ser os que os srs. Chianca de Garcia e Fernando de Barros estão a fazer no Brasil, não há nada. Também li na «Má língua», que um produtor estrangeiro tinha um grande plano para desenvolver o cinema português mas que, infelizmente não compreenderam as boas tenções que o animavam. Não está certo. Quando aparece alguém cheio de boas intenções querem logo explorá-lo.

Estou ansioso por ver o «Pôrto de Abrigo» e ando entusiasmado com os retratos que tenho visto do sr. Patrício Alvarez. Aquilo é que são expressões! Espiões, assim nem a sério há. Estou convencido que vai ser uma criação. Era favor pedir ao sr. Abel Tenebroso para me dar a morada do sr. Patrício para eu lhe mandar pedir um retrato para a minha colecção. E hei-de p o retrato entre as fotografias de Lon Chaney e do Boris Karloff, que são para mim, depois do sr. Patrício, os melhores no género de fazer caras feias.

No seu jornal, tôdas as semanas, vem o elenco duma grande companhia cinematográfica. Gostava de saber quando é que publica o elenco da Tobis Portuguesa para 1941.

Ouvi dizer que o sr. Artur Duarte, animado pelo seu êxito dos «Fidalgos da Casa Mourisca», ia realizar um novo filme intitulado «Os Fidalgos da Casa dos Mariscos», mas que, ao contrário do primeiro, que era do século passado e passou a passar-se neste século, êste é do século presente e passa a passar-se no século passado. É verdade? Se é assim gostava que êle me chamasse para trabalhar. Era uma boa aquisição, porque se o sr. Artur Duarte percebe muito de cinema eu não percebo menos.

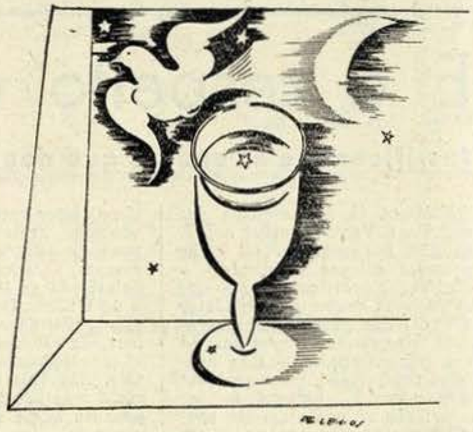
Adeus, e se o meu pai lhe escrever a preguntar que história é essa de vender o talho diga-lhe que isso foi intriga que partiu do Café Palladium.

Seu admirador

Ignácio da Purificação

CINEMA DE AMADORES

Introdução



Paul Ramain disse: — A técnica não é um fim, mas um meio.

Para o amador a técnica deve resumir-se ao princípio basilar das 16 imagens por segundo, boa fotografia, revelação e nada mais.

O resto, aquilo que nos deslumbra e enternece, é arte.

Os enquadramentos são arte. A montagem é arte.

Arte cinematográfica que não é técnica cinematográfica.

●

Enquanto os profissionais possuem milhões, os amadores possuem o espírito livre, a câmara e o gôsto artístico.

E sem complicados materiais, nem milhões, êles fazem cinema puro.

●

Porque não há um Cine-Club em Portugal?

Da discussão nasce a luz.

Dos amadores reunidos nasceria por certo um novo estilo português.

E os profissionais muito teriam que aprender...

E daí talvez não... Talvez nascesse desorganização.

Questão de hábito.

●

Sonhei que vi no cinema a «Balada de Neve» de Augusto Gil.

Adorável essa sinfonia da neve.

Seria profissional ou amador?

Engano! não era de ninguém.

Simplesmente um sonho em branco.

A liberdade, Deus a deu.

A liberdade do pensamento, da execução e da composição duma obra cinematográfica, tudo isso têm os amadores.

Os profissionais estão acorrentados ao público que paga os seus ordenados.

Como os amadores são felizes: saberão êles aproveitar essa liberdade?...

●

O cinema é, de todas as artes a mais completa e também a mais frágil.

Uma obra leva mêses a construir e arde num ápice.

●

Cinema abstracto?!...

E porque não?

Uma pomba, um copo com água, uma bengala, uma bôca, a lua, reflexos de água... um filme.

E porque não?

Uma modalidade só possível para os amadores.

JOÃO MENDES



O realizador Brunius von Ecke continua a trabalhar activamente nos preleminares da sua nova produção «The Wolves of the Mountains». A-pesar-das contrariedades, que, têm surgido chegou-se a esta conclusão definitiva: ou o filme se faz, ou se não faz, ou fica adiado para outra oportunidade.

Acêrca dêste filme o último boletim informava o seguinte: às 12 e 30: fazia-se; às 13 h.: já não se fazia; às 13 e 30: fazia-se; às 14 h.: é possível que se faça; às 14 e 30: talvez se faça; às 14 e 35: vamos a ver; às 14 e 40: deve fazer-se; às 14 e 45: parece que se faz; às 14 e 46: não se faz; às 14 e 47: então porque não se há-de fazer?; às 14 e 48: ou se faz ou não.

— Estão quási concluídos os trabalhos de montagem do novo filme «Port of Security». O realizador Adolphe Rabbitt, numa ânsia de perfeição que lhe vai muito bem ao parecer, tem acompanhado de perto êsses trabalhos, a-fim-de poder introduzir na sua produção as modificações necessárias para a tornarem a melhor produção do ano. O êxito do filme «Down Argentina Way», que esteve duas semanas no cartaz, já lhe deu tempo para realizar algumas modificações. Rabbitt aguarda ansioso a estreia de «They knew what they wanted» e espera que faça, pelo menos, um êxito de cinco semanas, para poder melhorar ainda mais o seu filme.

Desconfia-se que Rabbitt quere que o seu filme concorra à «Taça do Animatógrafo».

Se êle conseguir mais uns mesezitos para o poder aperfeiçoar à sua vontade, a taça não apanhará, mas uma miniatura merece.

DA «RAINHA VITORIA» A «NO, NO, NANETTE»

A evolução de ANNA "Irene" NEAGLE



Irene é sem dúvida uma surpreendente criação de Anna Neagle, que com ela é candidata à Medalha do «Animatógrafo»

Decididamente a Radio é a casa que não se cansa de apresentar constantes surprêsas. Algumas delas têm sido das mais sensacionais dentro do Cinema — mas nenhuma tanto como as duas últimas: a primeira, transformar uma Ginger Rogers loira e agitada, numa rapariga morena capaz de ficar a carácter em criações como a de «Sombras da Rua»; a segunda, fazer da Anna Neagle que o nosso público celebrizou como a grande actriz dramática de «Raínha Vitória» e «60 Anos de Glória», uma vedeta de comédia musical que já encantou tôda a gente em «Irene» e nos vai aparecer, dentro de pouco tempo em «No, No Nanette».

★

Já nas nossas colunas falámos da Ginger morena, digamos hoje alguma coisa sôbre Anna Neagle.

Famosa pelas suas interpretações dramáticas, aplaudida pela crítica e pelo público da Inglaterra como intérprete de Shakespeare nas sessões ao ar livre de Regents Park de 1938, a grande actriz regressando aos papéis de comédia não faz contudo mais que retomar o género que a lançou e que lhe abriu as portas da celebridade.

Com efeito foi a dança a base do sucesso de Anna Neagle. Seu pai combatia a ideia de Marjorie Robertson — seu verdadeiro nome — de entrar para a escola de dança convencido de que isso viria prejudicar as tradições ricas da sua família — uma família de oficiais de marinha quer mercante quer de guerra. Mas Marjorie, ou antes, Anna Neagle venceu todos os obstáculos e depois de seis meses de trabalho era já assistente da instrutora. Num Grande Campeonato Mundial de dança de Queen's Hall, Anna Neagle chegou até às finais e, depois tornando-se notada a sua figura esbelta e o maravilhoso poder de presença que tinha no palco, foi escolhida para os coros duma revista de André Charlot, e depois para a Max-Rivers-Troupe, com a qual trabalhou no Trocadero e, finalmente elevada à categoria de estrêla nas produções de Cochran's tendo-se estreado numa revista escrita por Noel Coward. Com esta última companhia fez uma «tournée» à América e, desde aí, talvez por ser filha de marinheiros nunca mais deixou de viajar. Na América aprendeu a sapatear e quando voltou a Inglaterra foi um êxito.

Quando Jack Buchanan começou a produzir fitas precisava duma primeira figura loira, bonita, que dançasse clássico e moderno que soubesse representar e cantar. Anna Neagle lembrou-se dos seus dois irmãos: um seguia as tradições da família como comandante dum barco da Royal Navy; mas o outro Stuart Robertson era um cantor famoso que, depois duma «tournée» vitoriosa por todo o mundo com Dame Nelly Melba, acabara de ser contratado para a N. B. C. a grande estação de rádio de Nova-York.

Se tinha um irmão grande cantor porque não havia de experimentar cantar também para ver se servia a Buchanan?

Experimentou e serviu. Trabalhou nos filmes de Buchanan «Good Night Viena», «The Flag Lieutenant», «The Litle Damozel». Sempre dirigida por Herbert Wilcox êste grande realizador começou a conhecer nela cada vez mais qualidades que tratou de utilizar.

Depois de várias fitas Wilcox fez-se, além de realizador, produtor. Realizou «Raínha Vitória» e «60 Anos de Glória» para cujo sucesso não contribuíu pouco a grande Anna Neagle. Parecia que o seu tipo de papéis estava, daí para a frente, assente definitivamente. Mas não! A Radio é a casa das surprêsas. Era preciso voltar a mostrar os grandes talentos de Anna Neagle enriquecidos pela sua cada vez maior experiência de actriz de teatro clássico e ligeiro, de cantora de rádio e de vedeta de filmes, com papéis dos géneros mais variados que vão de «London Melody» à vida de Edith Cavell.

Nesta ordem de ideias a Radio-Filmes começou por apresentar um filme de êdito mundial invulgar «Irene» que o público português aplaudiu no Tivoli. Entusiasmados pelo sucesso geral Radio-Filmes, Herbert Wilcox e Anna Neagle resolveram continuar. Simplesmente desta vez era preciso fazer uma fita ainda melhor, uma obra prima de cinema musical. Realizou-se então «No, No Nannette». E não tarda muito tempo que os cinéfilos portugueses não oiçam por tôda a parte falar da grande produção e da grande interpretação de Anna Neagle.

PEDRO HOMEM



Entre uma casaca e um «smoking» do princípio do século, a beleza e a distinção de Anna Neagle têm uma irradiação perturbadora

Passaram alguns dias em Lisboa LAURENCE OLIVIER e sua mulher VIVIEN LEIGH



Domingos Mascarenhas, Lopes Ribeiro, Fernando Garcia, Fernando Fragoso e Carlos Ribeiro namoram o «Excambion»



O Director de «Animatógrafo» interroga Laurence Olivier, Fernando Garcia está nitidamente interessado

Uma reportagem completa de Fernando Fragoso *sôbre a chegada dos dois artistas*

Chegaram na terça-feira, a bordo do «Excambion», um dos muitos «Ex» que ligam o Velho ao Novo Mundo, ponte movente entre Nova-York e Lisboa. Vêm ambos, com destino a Londres e, provàvelmente, quando esta reportagem fôr lida pelo público, terão já partido para a Velha Albion, que os aguarda, por certo, ansiosamente. É na desgraça se conhecem os amigos — e tudo indica que não possa ser indiferente à Inglaterra inteira a chegada de Laurence Olivier e Vivien Leigh, que abandonaram a paz da sua moradia de Beverly Hills, dos estúdios de Hollywood e dos palcos de Broadway — — para regressar à pátria, justamente na altura em que, pela fôrça das circunstâncias ela é menos acolhedora e tranqüila.

É natural que os compatriotas dos dois artistas não os possam receber com vivas e flores. Mas queremos crer que não deixarão ficar comovidos, ante o aparente paradoxo, que representa esta viagem, no sentido inverso da corrente originada pelo estado de guerra, na Europa.

Flores, aos noivos...

O cais, à hora da chegada do paquete, apresentava um desusado aspecto. Os jornalistas, os fotógrafos e os operadores da SPAC constituíam uma legião numerosa e «agressiva», onde um lindo ramos de cravos, que António Lopes Ribeiro segurava, punha uma nota de alegria e de côr, a contrastar com o dia pardacento, frígido e triste, que fazia corar de vergonha os «slogans» tantas vezes desmentidos do cartaz de turismo de Portugal...

Quando o «Excambion» se aproximou, pesado e pachorrento, os nossos olhos percorreram de lés-a-lés, os «decks» e as vigias. Mas de Laurence Olivier e de Vivien Leigh, nem sinal. No entanto não havia o receio dum «falso alarme». E quando entrámos a bordo, percebemos a razão por que os dois artistas se não haviam mostrado. A seu lado, no «deck» oposto ao cais, à porta da cabina que ocupavam, empilhavam-se dezoito malas, de todos os tamanhos e feitios, cuja arrumação e contagem haviam, por certo, absorvido a atenção do casal.

Laurence Olivier e Vivien Leigh, que se casaram há poucos meses, esperavam, serenos e sorridentes, a chegada da Imprensa. O director de *Animatógrafo* saüdou-os, em nome dos presentes, e ofereceu à «melhor intérprete de 1939» os cravos rubros, que ela segurou, visivelmente sensibilisada com a homenagem.

A «ofensiva» dos jornalistas não se fez esperar. As perguntas cruzavam-se, ininterruptamente. Em francês, em inglês, e até em português, ora para um, ora para outro...

Do que êles nos disseram e o que lhe preguntámos, daremos conta, adiante. Por agora, queremo-nos deter, para fixar algumas impressões sôbre os dois artistas.

Tal qual a heroina de «E tudo o vento levou...»

Vivien Leigh é um encanto. Não tomem à conta de exagêro esta afirmação. «Mignonne», mas admiràvelmente proporcionada, não é insignificante. Domina pela sua presença. Os olhos parecem sorrir e a própria bôca acentua êsse geito. O cabelo emoldura o rosto, doce e expressivo, e um topázio, de tamanho descomunal, remata o colo, esguio e elegantíssimo. Tem a beleza incomparável e a distinção natural das inglesas bonitas — porque não sei se já repararam que as filhas de Albion, quando são lindas, dificilmente encontram quem lhes faça sombra.

A seu lado, Laurence Olivier muito alto, incomparàvelmente mais jovem do que a tela o tem apresentado, espadaudo, arcaboiço de atleta, torna-a ainda mais frágil, mais pequenina — e dá-lhe o ar quási irreal duma figurinha de Saxe humanizada... Compreendemos, imediatamente, o motivo porque David O'Selznick não hesitou em confiar-lhe o disputadíssimo papel da Scarlet O'Hara, de *Gone with the wind*, depois de ter buscado uma intérprete, durante dois anos ininterruptos... Sob a aparência frágil duma boneca, adivinha-se a mulher voluntariosa e decidida — tal qual a heroína do romance famoso de Margarett Mitchell.

E sôbre o encanto da sua presença física, uma simpatia irradiante, aliada a uma despretenção natural, que parece ser apanágio daquelas que são, na realidade, grandes vedetas.

Laurence Olivier, a antítese de «Headcliff»

Se quisessemos encontrar um ser que, na vida real, fôsse a antítese do sinistro «Headcliff» do *Monte dos Vendavais*, não encontraríamos, possivelmente, dentro da mesma conformação física, outra personalidade de mais flagrante contraste do que a do próprio Laurence Olivier. Os jornalistas, que o foram saudar, chegaram a supor que tinham encontrado, em lugar dum artista célebre, que está na primeira linha da actualidade cinematográfica, um camarada, que regressava duma viagem longínqua. Nada de frases estudadas, de formalidades postiças, que costumam ser inerentes a certas estrêlas... Laurence Olivier, que, com o optimismo dum turista, carregou com as suas malas, malinhas e maletas, com os «clubs» do «golf» e três preciosas garrafas de «whisky», portáteis — conquistou-nos imediatamente pela sua despretenção e à-vontade.

Ao fim dum quarto de hora, já na Alfândega, os jornalistas tinham esquecido a furiosa curiosidade da profissão e trocavam impressões, à margem da entrevista-tipo, com as duas luminosas figuras da tela.

Bons artistas, mas péssimos empresários...

As primeiras preguntas que dirigimos a Laurence Olivier versaram, naturalmente, sôbre os objectivos da viagem. As agências americanas tinham propalado ao mundo inteiro que o famoso intérprete de *O Monte dos Vendavais* havia declarado, à hora da partida, a intenção de ingressar no quadro da Royal Air Force, para o que já tinha feito as 150 indispensáveis horas de vôo. Laurence precisou que não dissera exactamente assim. Apenas, como inglês que é, tencionava oferecer os serviços à aviação do seu país, muito embora receasse que o não aceitassem, pela simples razão de que não se considerava suficientemente apto a fazer parte dum corpo de «élite», como a R. A. F.

Projectos cinematográficos não têm, de momento. Hollywood quere fazê-los trabalhar novamente nos seus estúdios, mas os dois artistas não fecharam por ora, contrato algum. Depois de *Rebecca*, Olivier fez, para a Metro, *Pride and Prejudice*, com Greer Garson. Vivien Leigh, viveu *Waterloo Bridge*, com Roberto Taylor. *Lord Nelson* e *Lady Hamilton*, de Alexandre Korda, ainda por estrear, teve, como protagonistas, o famoso par, que não voltara a encontrar-se no mesmo filme, desde *Fire over England*. E tempo que medeou entre a conclusão da película de Korda e a partida da América, foi preencihdo por uma *tournée* teatral, com *Romeu e Julieta*, que êles próprios encenaram — realização dum sonho, que lhes custou alguns milhares de dólares...

Com efeito, a «tournée» não resultou. E Vivien Leigh explica:

— Há muito que ambicionávamos levar à cena, montado e encenado por nós, o drama eterno de Shakespeare, o autor que mais gostamos de interpretar. Só agora, porém, nos foi possível realizar o nosso desejo.

— Com êxito? interroga Lopes Ribeiro.

— Nenhum! responde prontamente Vivien Leigh.

E com um sorriso:

— Nós gostámos! Os críticos não...

— Os críticos, às vezes enganam-se — arriscámos à maneira de consolação.

— Às vezes?! volveu Vivien Leigh incrédula... E, num assomo de energia: «sempre!»

A «tournée», na realidade, não correu bem. Os artistas «falharam», pelo menos comercialmente, como empresários. Mas realizaram um projecto que lhes era caro. E se lhes custou mais caro do que calculavam, pouco importa! Lá diz a sabedoria das nações que «mais vale um gôsto do que quatro vintens». E a sua condição de vedetas célebres, bem pagas e disputadas, permite-lhes darem-se ao luxo de representar Shakespeare, mesmo que a bilheteira não corresponda aos seus bons desejos...



Fernando Santos foi esperar os dois artistas

O Teatro, seu primeiro amor

Fala-se de Teatro e de Cinema. Tanto Laurence Olivier como Vivien Leigh iniciaram as suas carreiras no tablado. Êle tinha quinze anos, em 1922, quando pela primeira vez, apareceu num palco em Strattford, no decurso dum festival de Shakespeare. Ela, que foi educada num convento de monjas, com algumas das Senhoras da melhor sociedade lisboeta, estreou-se em Paris, depois de ter cursado a Escola da Comédie Française em França, e a Royal Academy of Dramatic Art, de Londres. O Teatro foi o primeiro amor, em matéria de arte. E permanecem-lhe fieis.

À nossa pregunta, sôbre se o preferiam, ao Cinema, Vivien Leigh respondeu prontamente, numa afirmativa. E acrescentou:

— Tanto eu, como meu marido, queremos mais ao Teatro. O que não quere dizer que não apreciemos muitíssimo o Cinema. E sentimo-nos felizes por podermos dividir a nossa actividade, pelo palco e pela tela. O cinema favorece-nos com uma projecção mundial, que o Teatro nos não pode dar. Mas a cena é mais grata ao nosso poder criador, de artistas. Seguimos um papel, de princípio ao fim, entregues apenas a nós próprios. No cinema, vivemo-los, a espaços, numa intersecção constante do esfôrço criador, com as necessidades da técnica de filmes.

Há quem pretenda saber se tem visos de verdade a notícia de que vão interpretar *Cristóvão Colombo*, em Espanha. Ambos parecem surpreendidos com a pregunta. Desconhecem o assunto, por completo.



Quem visou os passaportes de ambos...



...foi António Roquete, ex-ás da bola!

Laurence Olivier teria votado no «Sr. Grilo»

Enquanto Vivien Leigh inquire do nosso colega Domingos Mascarenhas, quais as peças representadas, entre nós, pela companhia inglesa *Old Vic*, quando da sua vinda a Portugal— e isso interessa-a, porque, em tempos, fez parte da mesma *troupe* — Fernando Garcia mira e remira, por todos os lados, o impressionante pacote de grossos volumes, que os dois artistas trazem consigo, com todo o ar de os terem absorvido, durante os ócios da viagem... Estão ali, em magníficas edições americanas, os últimos «best-sellers» da literatura mundial, desde *Europe in Spring*, de Claire Booth, a autora de *Women*, até aos romances de Woodhouse, Cató e Simenon.

Vivien Leigh, que se aproximara, olha curiosa a inspecção. Há outros jornalistas interessados na investigação que julgam ser feita a coberto dos olhares das vedetas. Mas António Lopes Ribeiro salva a situação, comentando, generosamente:

— Esta gente da Imprensa, é duma indiscrição...

A «indiscrição» foi a «deixa» para alguem interrogar Olivier, que se acercara, entretanto, de sua mulher:

— Qual é a sua artista favorita?

Laurence olhou Vivien, e implorou misericórdia:

— Bem vêem?! Não é razoável que me façam essa pregunta...

— E actores?

— Charlot e Walt Disney!

A inclusão de Disney, na categoria dos actores, fez-nos pensar... Mas, quando, nessa mesma noite, ao entrarem no S. Luiz, o ouvimos preguntar, interessado, «se os desenhos animados já ti-

(Conclui na página 15)



Seguidos pelo nosso Director, o casal desce o portaló

VEM AÍ A MELHOR COMÉDIA DOS REIS DA GARGALHADA!!!



OS MARX NO FAR-WEST

UM ESPECTÁCULO **MARX**... ISTA
DIFERENTE DE TODOS OS **MARX**... ISMOS
QUE OS IRMÃOS **MARX** TÊM FEITO!
CHICO **MARX**
HARPO **MARX**
GROUCHO **MARX**
MAIS **MARX** QUE NUNCA
NUMA COMÉDIA HILARIANTE, MUSICAL, 100 % **MARX**!

GARGALHADAS!
MULHERES!
MÚSICA!

—UM FILME QUE SÓ A METRO-GOLDWIN-MAYER PODERIA FAZER!

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de VIDOR é interpretado por GABLE e LAMARR

King Vidor, o notável realizador a quem o cinema deve algumas da suas obras mais vigorosas, depois de um inexplicável afastamento dos estúdios, está de novo senhor do prestígio de que o seu pujante talento era absolutamente merecedor.

Dois filmes bastaram para que assim sucedesse: o primeiro, «A Cidadela» e ùltimamente «Northwest Passage», a estrear brevemente em Lisboa, e em que Spencer Tracy interpreta o papel principal.

Agora King Vidor está dirigindo, nos estúdios da Metro Goldwyn Mayer, em Culver City, a comédia COMRADE X, segundo um «scenário», de Ben Hecht e Charles Lederer; em que nos põe a par das aventuras pitorescas dum misterioso correspondente de guerra dum jornal americano em serviço na Europa, que mercê de subterfúgios e apesar de apertada censura, consegue enviar para o seu jornal notícias sensacionais sôbre a guerra.

Clark Gable será o simpático Camarada X, que traz em sobressalto um país inteiro. Por sua vez a formosa Hedy Lamarr vive a figura duma rapariga que quere à viva fôrça sair do seu país em guerra e trocá-lo por um outro em que possa viver tranquilamente.

Ao lado de Clark e Hedy aparecem também Oscar Omolka, Felix Bressart, que foi um dos três impagáveis enviados russos de «Ninotchka», e Eve Arden.

Simone Simon voltou a Hollywood e passeia com Gilbert Rolland

Apesar das contrariedades que ali suportou, quer sob o ponto de vista meramente artístico, quer no que respeita a sua vida privada, com o cortejo de escandalos que assinalou os seus últimos anos na cidade do cinema, o que parece certo é que Simone Simon não pode passar sem Hollywood.

Simone, tão encantadora e tão insinuante, não resistiu à tentação de deixar a turbulência dos teatros de Broadway pelos prazeres calmos da Califórnia. Por isso está hoje de novo em Hollywood, à espera dum possível contrato, e a viver a vida alegre e despreocupada da capital do filme.

COISAS INDISCRETAS

Norma Shearer acusa Howard Hawks

Não há dúvida, Norma Shearer, que foi uma espôsa modelar, e é uma mãe exemplar, acaba de demonstrar pùblicamente que os seus sentimentos fraternais são do melhor quilate.

Essa prova teve há pouco lugar quando, no tribunal de Los Angeles testemunhou com calor e vivacidade o processo de divórcio que sua irmã intentou contra o marido. Éste, que é nem mais, nem menos que Howard Hawks, o realizador de «Uma rapariga em cada Pôrto», «Século Vinte» e dêsse espantoso «Scarface», é acusado pela mulher de ter abandonado o domicílio conjugal desde 1939.

A pessoa que na gravura que publicamos se encontra ao lado de Norma, sempre elegante e bonita até nas mais descuidadas fotos de reportagem, é Mrs. Edith Shearer, mãe de Norma e de Athole, e principal personagem neste ruidoso processo.

Ginger Rogers está com mêdo do marido

Ginger Rogers chamou sôbre o seu nome a atenção de todos os jornais da Califórnia, caso verdadeiramente extraordinário, pois a deliciosa intérprete de «Sombras da Rua» encontra-se entre aquela escassa meia dúzia de artistas que têm conseguido o autêntico milagre que é manter-se fora do ambiente de ultrajes e de vaidades que representa a vida social de Hollywood.

Ginger, separada desde 1936 de Lew Ayres depois de dois anos de vida conjugal, muito se preocupou com a notícia publicada numa das mais importantes revistas americanas, em que se fala duma série de artigos que Jack Culpepper, um mediocre artista de variedades vai escrever sôbre a vida privada de Ginger Rogers. À primeira vista pode parecer estranho. Mas o caso muda de figura quando se souber que êsse cavalheiro foi o primeiro marido da «Mãezinha à Fôrça», quando Ginger contava apenas os seus dezasseis anos.



A mãe de Norma Shearer parece estar a dizer à protagonista de «Mulheres»: Ai filha, os homens são impossíveis!

Por isso não é de estranhar que os seus advogados, e os do seu agente artístico, estejam envidando todos os esforços para que os famigerados artigos não vejam a luz de publicidade...

O sr. Culpepper deve-se encontrar, de momento, com as suas economias comprometidas. E daí o seu desejo de armar em escritor...

Pobre Ginger! Vá lá uma pessoa livrar-se dum ex-marido dêste calibre!

O seu companheiro inseparável é agora Gilbert Rolland, que apesar de não possuir fortuna e não ter contrato — há anos que não pisa o «set» dum estúdio — incompreensìvelmente vive à tripa fôrra num meio difícil como é Hollywood. Verdade seja que entre as suas relações se encontram os nomes de Norma Talmadge e de Constance Bennett.

Êste número foi visado pela Comissão de Censura

NOVO FILME DO CASAL POWELL-LOY

A actividade cinematográfica de William Powell e Myrna Loy, o mais apaixonante casal da tela, prossegue imperturbàvelmente.

Depois de «Nick e Espôsa Detetives», que não há muito o São Luiz apresentou; depois de «I Love You Again», ainda inédito entre nós, os dois populares comediantes, cujas aventuras conjugais e policiais continuam a divertir e a interessar vivamente os seus admiradores de todo o mundo, vão interpretar um novo filme talhado, evidentemente, nos moldes habituais. Intitula-se êsse novo filme da Metro Goldwyn Mayer MR. CO-ED, e a Jack Conway cabe a sua realização.

À data da notícia não se sabe ainda se os dois espôsos terão ou não a colaboração preciosa de Asta, o incomparável «pêlo de arame». Mas dados os valiosos serviços que êle presta aos esposos-detectives é de crer que a sua colaboração seja solicitada...

FITAS NA FORJA

- FOOTSTEPS IN THE DARK, com Errol Flynn, Ralph Bellamy, Brende e Marshall, Pegey Diggins, Alan Hale, Allen Jenkins, Noel Madison e Grant Mitchell. Direcção de Lloyd Bercon. Warner Bros (SIF).
- HER FATHER'S DAUGHTER, com Edith Fellows, William Evans, Ann Doran, Jacqueline Wells, Marian Kerby, Mario Dwyer David Durand. Realização de Edward Dmytryk. Monogram.
- FOUR CENTS A WORD, com John Shelton, Virginia Grey, Charles Butterworth, Donald Meek, Reginal Owen, Marian Martin e Albert Dekker. Dirigido por Busby Berkeley. Metro Goldwyn Mayer.
- MOON OVER BURMA, com Dorothy Lamour, Robert Preston, Preston Foster, Doris Nolan e Albert Basserman. Realizada por Louis King. Paramount.
- THE VILLAIN STILL PURSUED HER, com Hugh Herbert, Anita Louise, Alan Mowbray, Buster Keaton, Joyce Compton, Richard Cromwell, B. Billy Gilbert, Margaret Hamilton, Diane Fisher e Charles Judels. Realização de Edward Cline. RKO-Rádio Filmes.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Êste número inclue dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores dêste jornal.

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nêles merece atenção especial.

«AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» (S. I. F.).

— Por ter atingido a 4.ª semana de exibição no Politeama.

«ASSIM NASCE UM POVO» (Filmes Luiz Machado).

— Os grandes momentos da realização de GEORGES NICHOLLS JR.: o ataque a Álamo, a carga de cavalaria ao som do pífaro e a luta com os mexicanos.

— A morte de Andrew Jackson, interpretado por EDWARD ELLIS.

— A planificação duma história difícil de contar.

«PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA» Filmes Alcântara).

— Por ter atingido a 4.ª semana de exibição em dois cinemas, Odéon e Palácio.

«REBECA» (Sonoro Filme).

— A propriedade e o esplendor técnico e artístico de tôda a encenação, dirigida pelo realizador ALFRED HITCHCOK e orientada superiormente pelo produtor D. O. SELZNICK.

— A criação admirável de JOAN FONTAINE e o justíssimo desempenho de LAURENCE OLIVIER.

— A «presença» impressionante dos maravilhosos cenários de LYLE WHEELER.

— A qualidade da fotografia de GEORGE BARNES.

— A adaptação fiel do romance de Daphne du Maurier, devida a PHILIP MAC DONALD e MICHAEL HOGAN, e a hábil planificação de ROBERT SHERWOOD e JOAN HARRISON.

«TUFÃO» (Paramount).

— Os efeitos especiais de GORDON JENNINGS e a montagem de ALMA MACRORIE.

— A fotografia colorida de WILLIAM MELLOR com a colaboração de NATHALIE KALMUS, nas cenas do temporal. do tufão e do incêndio.

— A interpretação de ROBERT PRESTON, LYNN OVERMAN e DOROTHY LAMOUR.

«REBECA»

(Rebecca)

Se alguém tem dúvidas sôbre a função proeminente e determinante do produtor cinematográfico na qualidade da produção cinematográfica, considere a carreira de Oliver Selznick — e terá necessàriamente de chegar a uma conclusão afirmativa. Se assim não fôsse, como explicar a série ininterrupta de grandes filmes, debaixo de todos os pontos de de vista, lançados por Selznick no mercado mundial? *David Copperfield*, *O Pequeno Lord*, *Duas Cidades*, *Ana Karenina*, *Nasceu uma Estrêla*, *Intermezzo*, *Gone with the wind*, e agora *Rebecca*, para só falar nas suas produções mais recentes, classificam-no como o Produtor n.º 1 do Cinema americano e justificam a cega confiança de cinéfilos ou meros espectadores em tôdas as películas que vier a produzir no futuro — pois não há sequer um único filme seu inferior ou apenas medíocre ,para enfileirar ao lado dos que acima citámos.

Era de elementar justiça começar estas linhas de comentário crítico a *Rebecca* chamando a atenção do leitor para o homem a quem se deve, mais do que a nenhum outro, a admirável obra cinematográfica que a adaptação do romance de Daphne du Maurier constitui — o homem que, como comandante do Estado Maior, ganhou essa batalha cinematográfica.

Podemos agora, com a consciência tranquila, ocuparmo-nos do filme pròpriamente dito.

Diga-se desde já: não foi de forma alguma desiludida a nossa espectativa, provocada pelo que lêramos na crítica americana. Trata-se de-facto de uma obra inteiramente excepcional, verdadeiramente «fora da série». Excepcional, pelo apuro, pela excelência da encenação, de todos os naipes da encenação; e excepcional, pelo carácter literário do tema e da sua exposição, mantido no filme com fidelidade de invulgar, o que — deve dizer-se — prejudica talvez um pouco as suas condições espectaculares, visto que certo sector do público não pode ou não sabe apaixonar-se por dramatizações tão subjectivas.

A adaptação segue página a página o romance, desde a evocação da abertura até certos pormenores mínimos da acção, que foi, em certos lances, hàbilmente condensada. Fomos encontrar no filme a atmosfera exacta do livro; a sua «tradução» em imagens» não podia ter sido dada com maior propriedade, debaixo de todos os aspectos. Num ponto apenas, e justificadamente, se afastaram do romance, substituindo a «execução» de Rebecca por um acidente providencial. O poder dramático da novela fica assim diminuído, mas nada há a dizer visto que essa substituïção foi «necessária» (as responsabilidades do cinema e da literatura são bastante diversas — há que o não esquecer).

Quem não pudesse dispor dos recursos técnicos de Hollywood e do seu pessoal especializado, teria de transpor *Rebecca* para o celuloide em moldes completamente diferentes; de contrário o resultado seria desastroso. Só com dois operadores, decoradores, manejadores de gruas, especialistas de *maquettes*, etc., semelhante virtuosismo pode surtir todo o seu efeito. Diremos mais: sòmente com tal colaboração técnica «rende» totalmente o talento de um encenador. Verifica-o fàcilmente quem comparar *Rebecca* com qualquer outro trabalho de Alfred Hitchcok realizado em Inglaterra como *A Pousada de Jamaica*, ou até com *Os 39 degraus*. De-facto, nunca o excelente director inglês nos dera tão completamente a medida do seu saber, nos revelara tão vigorosamente a sua personalidade de encenador cinematográfico. Em *Rebecca* fomos encontrar a sua «maneira» própria mais vincada, mais nítida e mais definida — quer na composição das cenas, quer nos enquadramentos dos grandes-planos, quer nos processos de iluminação. Citamos apenas, em apoio desta afirmação, as seqüências da confissão de Maxim a sua mulher e do inquérito do *coroner* a cena em casa do médico, certos grandes planos da Governanta (a única personagem que, diga-se de passagem, tem pouca humanidade, ou melhor, a única que, por demasiado rígida e simplista, não nos dá sensação de pertencer à versátil e complicada espécie humana).

Hitchcok tem neste filme, também, a sua grande revelação como director de artistas. Verdade seja que os intérpretes postos à sua disposição estão acima da craveira normal, especialmenmente Laurence Olivier e Joan Fontaine. O primeiro compôs um Maxim de Winter admiràvelmente «certo»; o facto de o termos conhecido «ao natural» permitiu-nos avaliar a sua interpretação no justo valor.

Só um espantoso actor saberia contar, como êle contou, o terrível segrêdo de Maxim. Quanto a Joan Fontaine, *Rebecca* deu-lhe a grande oportunidade por que esperava há muito. Esmagadora revelação de talento, de sensibilidade, de compreensiva inteligência — êste seu desempenho! Revelarão tanto mais completa e convincente quanto é facto que a figura a interpretar era difícil, e o papel invulgarmente trabalhoso.

Joan Fontaine venceu tudo isso com tal mestria e tamanho encanto que se colocou na primeira fila — ao lado das Bergman, das Hepburn, das Shearer, das Garbo. Nasceu uma artista!

Há dois aspectos da encenação que merecem referência muito especial: as decorações e a fotografia. As primeiras devem-se a Lyle Wheeler, o *art director* de Selznick. Eram dêle os magníficos *décors* do *Viver não custa*, e dêle são os do *Gone whith the wind*, que lhe valeram o prémio da Academia de Hollywood, no ano passado. Raramente temos visto cenários mais felizes em fitas de cinema—mais felizes na concepção, na harmonia do conjunto, e na execução do pormenor. O seu manderley, no xterior e nos interiores, ficará, de-certo por muito tempo, como uma das coisas mais brilhantes conseguidas no capítulo da decoração cinematográfica. À sua qualidade excepcionalíssima se deve o facto impressionante e raro dos cenários representarem um verdadeiro papel no filme, a ponto de serem, insofismàvelmente, um dos seus intérpretes mais evidentes, mais importantes.

A fotografia é de George Barnes, e é também de primeira, melhor, de primeiríssima qualidade. Quando a elogiamos não nos referimos apenas à sua qualidade pictural, mas também ao acêrto e segurança dos movimentos de câmara, da utilização das várias objectivas, da iluminação, etc.. A colaboração de George Barnes contribuiu em grande parte para a categoria excepcional do filme, pois os seus melhores momentos foram enormemente valorizados por ela. Recordem-se, por exemplo, o *travelling* pelo parque abandonado, que serve de prólogo ao filme; a chegada a Manderley no automóvel, debaixo de chuva; o diálogo durante a projecção do filme da lua de mel; a panorâmica que segue a figura ausente de Rebecca, enquanto Maxim devenda o mistério da sua morte; o incêndio e o plano final, de que são protagonistas as labaredas purificadoras. Maravilhosos momentos êsses, em que não sabemos que mais admirar: se a felicidade da sua concepção, se a excelência da sua execução. — D. M.

«TUFÃO»

(Typhoon)

Sempre tivemos a paixão do Mar e do Vento — talvez pela sua magnífica fotogenia; foi por isso grande a nossa satisfação cinéfila quando vimos em «Tufão», mais uma vez maravilhosamente aproveitados estes dois elementos que já tão boas fitas nos proporcionaram.

«Tufão» abre a contar-nos o naufrágio dum barco de vela em frente duma das muitas ilhas do Pacífico. O mar enfurecido que varre o convés e arrasta tudo; o vento, as velas sôltas e rasgadas; a luta de dois ou três tripulantes que lutam furiosamente para se salvarem, tudo é mara-

vilhosamente aproveitado em imagens de magnífica fotografia, montagem e efeitos especiais que nos oferecem uma das mais belas seqüências que o Cinema a tratar tal assunto nos tem apresentado.

Depois desta introdução a fita segue numa intriga banal, pretexto para nos apresentar Dorothy Lamour com o polinésico «Sarong» que o público lhe prefere ver. A história é, digamos, o «Tarzan» ao contrário: é ela que vive na árvore, que constrói o elevador, que educou o macaco e apaixonou o rapaz (Roberto Preston) pela vida primitiva.

Êste tem, tal como Lynne Overman, que interpreta o capitão do velho submarino, alguns pormenores de representação curiosos a atestar o seu bom quilate de comediante. Dorothy sempre certa, muito bonita e cantando naquele seu estilo característico uma melodiosa canção.

No final a fita, nas duas últimas bobinas, volta a ser arrebatadora. Um pirata polinésico lança fogo à ilha para queimar os seus três habitantes; e a beleza das massas de arvoredo em chamas, filmada em colorido, em que há dezenas de planos notáveis, faz-nos até, de absorvidos, esquecer a emoção do momento. Um tufão que, de repente se levanta é a solução providencial para o fogo mas perigo não menor para quem tem de lhe resistir. O efeito é outro, outro o assunto mas a emoção cresce: as massas de água que se lançam sôbre a ilha avassaladoramente cobrindo tudo, arrastando tudo são inesquecíveis. Temos, ainda, nos olhos aquelas massas gigantescas de espuma que parecem saltar fora da tela, a que o talento de quem dirigiu a tomada de vistas e o colorido emprestaram espantosa sensação de relêvo.

F. G.

«ASSIM NASCE UM POVO...»

(Men of Conquest)

É conhecido o fraco do crítico pelos filmes cuja acção decorre no Extremo Ocidental da América do Norte, nesse Far-West lendário, cuja vida no decorrer do século XIX foi sem dúvida o último refúgio dos paladinos da Aventura — a Aventura com A grande, generosa e nobre, grave e melancólica.

Mas bastaria que gostássemos de cinema para apreciar o filme excelente de Georges Nicholls Júnior, cujas qualidades primordiais passamos em revista no Quadro de Honra.

Interessam-nos muito, mais que as produções das grandes companhias, os filmes feitos por firmas como a Republic, embora esta não seja das menores, se tenha especializado no género heróico e conte no seu elenco artistas de primeira ordem.

É nas produções dessas firmas que a nossa produção pode colhêr ensinamentos úteis, pois que os produtores delas procuram, como nós, o máximo efeito dentro da máxima economia.

Há quem tenha o costume de avaliar o mérito dum filme pelo seu preço de custo. Muitos milhões de dólares é «slogan» apreciado, até pelos próprios espectadores, que têm pelo bezêrro de oiro respeito muito superior ao que os outros ídolos lhes sugerem.

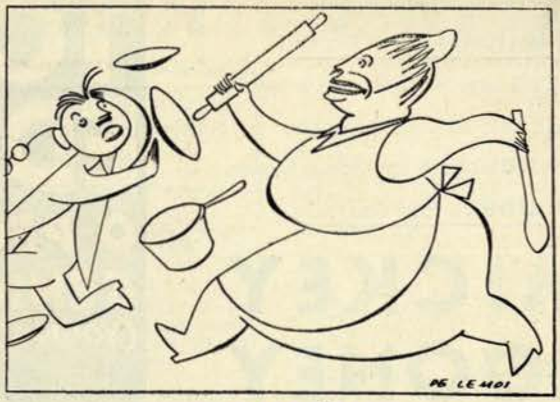
Note-se que *Men of Conquest* está longe de ser o que se chama um filme barato. Não se poupou figuração, vestida a rigor, nem grandes conjuntos, nem cenários cuidados, nem artistas de salários altos. Mas houve na planificação um cuidado que é muito de aconselhar aos que se esquecem que duas linhas à máquina escritas numa «continuity» custam no «set» muitos milhares de dólares — ou de escudos.

A vida de Sam Houston, governador do Tennessee e, mais tarde, conquistador do Texas para os Estados Unidos, é-nos contada em termos de epopeia, sem excluir simplicidade, por intermédio duma planificação modelar e duma realização soberba, servida por óptimos intérpretes de créditos firmados: Richard Dix, sóbrio como sempre, Gail Patrick, linda como nunca; Joan Fontaine (a triunfadora de «Rebecca»), Edward Ellis, num impressionante Presidente Jackson (a cena da morte é magnífica!), Victor Jory e Carles Henry Goidon.

Algumas cenas, como a da carga de cavalaria ao som dum pífaro, que toca, não uma garbosa marcha militar, mas uma suave balada romântica, são impressionantes de realismo e de encenação. Há quedas de cavalos, explosões de granadas e destruïções de carros superiores a tôdas as que temos visto.

Em resumo: um filme soberbo, que não tememos recomendar. — A. L. R.

TITULOS ILUSTRADOS



«O TUFÃO»

LAURENCE E VIVIEN EM LISBOA

(Conclusão da página central)

nham passado», e o vimos rir estrondosamente, ante as aventuras do «Pato Donald», feito lavador de janelas — compreendemos por que motivo êle incluíra Disney, autor dos maravilhosos heróis do mundo da fantasia, no número dos seus «actores» favoritos...

E Lopes Ribeiro aproveitou o caso para fulminar aqueles, como o signatário, que haviam votado contra a inclusão do sr. «Grilo», no número dos candidatos ao prémio da interpretação masculina, no inquérito de *Animatógrafo:*

— Tenho a certeza de que o Laurence Olivier votaria, comigo, a candidatura do «Senhor Grilo»...

Nessa noite, no S. Luiz...

Laurence Olivier chegou a Lisboa no dia preciso, em que o S. Luiz apresentou ao público, pela primeira vez, *Rebecca*, o seu segundo grande papel em Hollywood.

Fernando Santos, gerente da Sonoro Filme, que representa entre nós a United Artists, e L. W. Kastner, alto funcionário da delegação londrina da mesma firma, informaram-no do facto e convidaram-no a assistir ao espectáculo.

A despeito dos dez dias de viagem, que lhes faziam apetecer o repouso, Laurence Olivier e Vivien Leigh aceitaram imediatamente a sugestão, no visível interêsse de dar ao público de Lisboa uma prova de consideração e de deferência.

De facto, tomaram lugar numa friza e assistiram do princípio ao fim à exibição do programa.

Vivien Leigh, por muito estranho que lhes pareça, não tinha ainda visto o filme. E Laurence Olivier, que se lamentava de não ter trazido consigo o «smoking», para aparecer em público, seguiu com curiosidade o espectáculo da tela.

A plateia, quando apareceu, nas legendas de abertura do filme, o nome de Laurence Olivier, irrompeu numa espontânea salva de palmas, vitoriando, assim, o artista, que ali se encontrava. As manifestações repetiram-se quando, na tela, a Emprêsa fez projectar uma legenda, a saudar os convidados de honra daquela noite. E, em volta da friza dêles o público aglomerava-se, visivelmente agradado de os ver ali..

No segundo intervalo, Lawrence Olivier e Vivien Leigh, que sobraçava um lindo ramo de flores, oferecido pelo S. Luiz, foram recebidos na sala privativa da Emprêsa, pelo gerente, sr. João Ortigão Ramos e assinaram inúmeras fotografias e autógrafos, para as pessoas que os solicitaram.

Laurence Olivier estava visivelmente intrigado com o intervalo, que cortava o espectáculo ao meio. E preguntava se o tinham feito, em honra dêles... Explicámos-lhe que era uma tradição portuguesa, censurável e anti-cinematográfica, por certo, mas com raízes no gôsto ou nos hábitos do público. Os espectadores gostavam de a ver, de comunicar entre si, de fumar...

Vivien Leigh sorria. E acrescentou divertida:

— Quando exibirem *Gone With the Wind* vão ter que fazer, pelo menos, quatro intervalos...

Os artistas assinam fotografias. Vêm à baila algumas de *Pride and Prejudice*. Lopes Ribeiro toma uma delas, na mão, e mostra-nos:

— Vejam que espantoso Simão Botelho, o Laurence Olivier faria!

Há quem fale em Vivien Leigh para a sensível e amargurada Tereza... E Lopes Ribeiro, com o entusiasmo que põe em todos os assuntos que aborda, fala do espantoso filme, com interêsse mundial, que se poderia fazer, um dia — com intérpretes, talento e dinheiro — do *Amor de Perdição*, de Camilo.

— A história é tão boa, ou melhor, do que a de *O Monte dos Vendavais*, acrescenta o director de *Animatógrafo*.

Os artistas retomam o seu lugar, na sala. A exibição prossegue. Ficamos a pensar, no que seria *O Amor de Perdição*, feito por Selznick, com Laurence Olivier e Vivien Leigh, nos protagonistas.

Sonho duma noite de inverno... Lá fora chove! E os artistas, que se encontraram pela primeira vez, na tela, no filme *A Inglaterra em chamas* estão ali, na sala, a caminho dessa mesma Inglaterra, agora também, em chamas, por capricho do Destino!

FERNANDO FRAGOSO

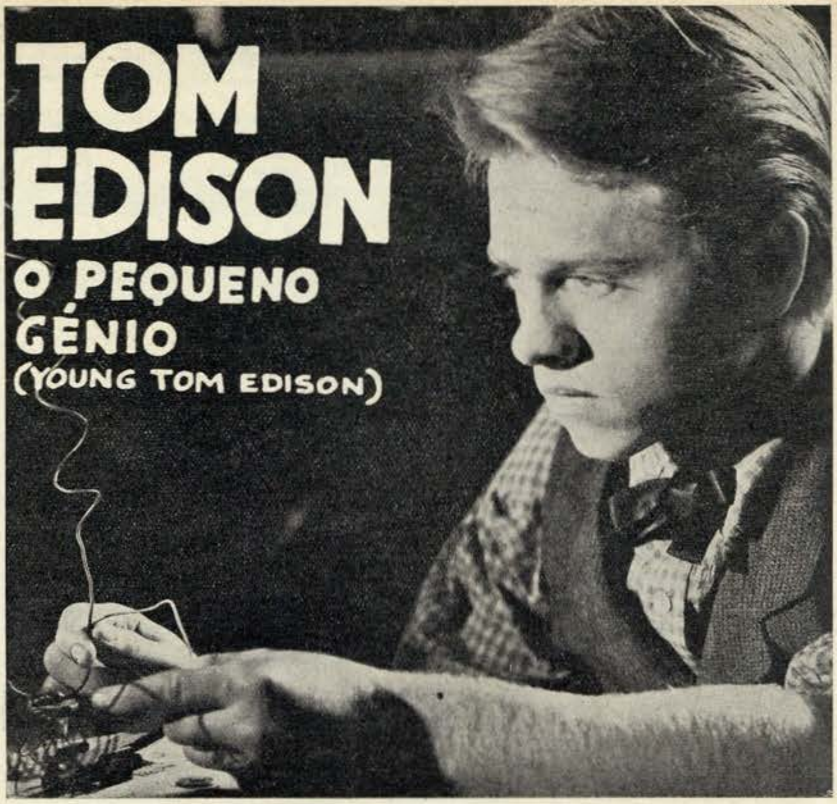
A METRO-GOLDWYN-MAYER
DEPOIS de ter apresentado
OS MAIORES êxitos do ano
VAI oferecer ao público português
MAIS uma obra de excepção
CONSIDERADA em todo o Mundo
A MAIOR criação do genial

MICKEY ROONEY

DEVIDA também ao talento
DO célebre realizador

NORMAN TAUROG

QUE dirigiu "IDÍLIO MUSICAL"
"HOMENS DE AMANHÃ" e
OUTROS grandes filmes
INESQUECÍVEIS!!!



SE alguma vez
MICKEY ROONEY
FOI superior a si próprio - muito superior até ao
MICKEY ROONEY que vimos em
"HOMENS DE AMANHÃ" - não restam dúvidas
QUE isso apenas aconteceu em
"TOM EDISON, O PEQUENO GENIO"
- DE tal forma é elevada e inteligente a
MANEIRA como o mais popular de todos os
ASTROS de 1940 compreendeu e interpretou a
FIGURA originalíssima do jóvem Tom, que,
ANOS depois, viria a ser um dos vultos
MAIS notáveis da sua época.

COM

GEORGE BANCROFT

FAY BAINTER

VIRGINIA WEIDLER

EILY MALYON

Com um elenco notabilíssimo,
"TOM EDISON,
O PEQUENO GÉNIO"
Será um dos espectáculos
culminantes de 1940.
... Outro grande êxito a
acrescentar à série triunfal
dos grandes êxitos obtidos
esta temporada pela

★ **Metro-Goldwyn-Mayer** ★

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

UMA LOIRA MADEIRENSE. — Se de facto, a leitora do Funchal que detinha semelhante pseudónimo, abandonou a «Pérola do Atlântico» e se desinteressou do pseudónimo poderás usá-lo, conforme pedes. Mas ficará condicionado à anuência da leitora que o adoptava, e que me dizes estar agora em Londres. — Não deves detestar a Garbo. Chamam-lhe «Divina», porque, como a Sarah Bernhardt ou a Duse, no Teatro, ela é, dentro do cinema, uma intérprete excepcional, cujo génio parece ter sido tocado pela graça divina. — Dizes-me que estão no Funchal 1.900 refugiados de Gibraltar, a maioria dos quais são raparigas dos 15 aos 25 anos. Não digas mais: embarco no primeiro vapor. — Transmito a «Um admirador de Silvia Sidney», a «Exilado do Mondego» e a «Oscar de Lemos em Rio Maior», que acedes a corresponder-te com êles, por meu intermédio, desde que êles sejam os primeiros a fazê-lo.

ALF. — A lista, que me pedes, «dos nomes e endereços dos principais produtores e realizadores, norte-americanos, e as funções de cada um», ocuparia mais uma página desta revista. É impossível, pois fornecê-la, como tu queres. No entanto, vamos estudar a maneira de te poder elucidar.

MORENINHA INSINUANTE — Estou muito grato a «Uma loira Madeirense» por te ter trazido, pela mão, até junto de mim. No entanto, ela apresentou-me com demasiada simpatia e receio bem que tenhas alguma desilusão... — Esta simpática leitora da Madeira está disposta a trocar correspondência com leitores de «Animatógrafo», desde que êles sejam os primeiros a escrever-lhe. — Escreve a Tereza Casal, por intermédio da nossa revista. — Transmito as tuas saüdações a «Uma loira Madeirense», «Jane», «Boneca Voluvel» e «Eva do Século XX», tôdas do Funchal.

PINOCCHIO. — Não há dúvida! O rosário de fitas que referes autoriza-te a usar, legìtimamente, o títudo de «cinéfilo de àquem e de além mar», título tão orgulhosamente proclamado pelo nosso amigo *Zé Fernandes*.
— As tuas impressões sôbre o cinema nacional são judiciosas! Quanto à Beatriz e à Mirita são certamente artistas excepcionais, mas a verdade é que têm brilhado mais no palco, do que na tela. A Beatriz conta já três ou quatro filmes, que melhor revelaram as suas qualidades.
Mirita, circunscrita à *Maria Papoila* (onde aliás tinha um bom desempenho), suponho que pode ir muito mais além, no cinema. — Podes escrever a tôdas as vedetas portuguesas, Elisa Carreira *y compris*, por intermédio de *Animatógrafo*.

UM GAROTO MADEIRENSE. — Já deves saber que a tua conterrânea *Uma loira madeirense* se encontra em Londres. O pseudónimo foi adoptado agora, por uma amiga daquela nossa consulente. No entanto, saudo-a, em teu nome, conforme pedes. — «O crítico é por vezes o maior inimigo do cinema nacional». Talvez tenhas razão! *Por* vezes, assim sucede... — Transmiti ao Director de *Animatógrafo* a tua carta, com as sugestões das duas campanhas construtivas, que tu consideras indispensáveis para o definitivo triunfo do Cinema Nacional.

DUAS ALENTEJANAS ÍNTIMAS — É profundamente lamentável que na região onde Vv. vivem ainda se critiquem as raparigas que gostam de cinema. Com o tempo e a boa vontade de todos nós, acabaremos êste conceito retrógrado de que o gôsto pelo cinema é sinónimo de frivolidade mental e de insuficiência de formação moral. Espero, pois, que me escrevam, e que continuem a lutar contra as ideias bafientas dessas pessoas, que vos censuram só pelo facto de Vv. serem entusiastas por um espectáculo, que constitue, o divertimento favorito do mundo civilizado dos nossos dias!

JOSÉ QUINTELA. — Hedy Lamarr aparecerá êste ano no filme *Esta mulher é minha*, ao lado de Spencer Tracy. Vimo-la, no início da temporada, em *A Dama do Trópicos*, com o Robert Taylor. Espero que o retrato que publicamos em separata te haja entusiasmado.

JANETGAYNORFILA. — Êste teu pseudónimo parece um daqueles nomes que se vêm no Jardim Botânico, por baixo das árvores e das plantas que todos nós conhecemos por outras designações mais corriqueiras... — Espero que te dês bem comigo, como te deste com Multiplus, nos tempos recuados em que, garota ainda (como tu dizes), te correspondias com êle, nas colunas de *Cinéfilo*, onde eu, aliás, também trabalhei. — *Suez* é sem dúvida, um bom filme, muito embora tenha saído inferior aos bons desejos dos produtores. *João Ratão* é, de longe, muito superior a *Pão Nosso*, sob todos os aspectos porque o queiras encarar. — Aqui deixo registados os teus afectuosos cumprimentos a *Antinea*.

REY... SEM TRONO. — Maria Castelar, Maria Paula, Maria Clara, Isabela Tovar, Tereza Casal, Maria da Graça, Elsa Rumina e Maria Emília Vilas, não vieram do Teatro. Paiva Raposo, Oliveira Martins, Tomaz de Macedo, Manuel de Oliveira, Eduardo Fernandes, Óscar de Lemos, Barreto Poeira, João Manuel, Silva Araújo e António Maia estão no mesmo caso. — De Clark Gable, veremos, êste ano, *Fugitivos da Guiana*. Norma Shearer completa, no dia 10 de Agosto, 37 anos. — Estás muito enganado quanto à identidade de *Bel-Tenebroso*. Sob minha palavra de honra: não acertaste! Êste leitor deseja cartear-se com *Princesa dos Diabretes*.

BOB WHITE. — Permiti-me meter um *h* no *White*. Tenho a impressão que era assim que tu querias escrever. — Entendamo-nos: tècnicamente, *Pinocchio* é muito superior a *Branca de Neve*. Mas compreendo perfeitamente que tenhas gostado mais do último, como espectáculo.—Deanna Durbin: Universal City, Universal Studios, Hollywood, Califórnia.—Joan Grawford: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Êste leitor oferece à primeira leitora que se cartear com êle, uma foto de Danielle Darrieux, «de grandes dimensões». Terá que ir a pau e corda, para casa da contemplada?

DEANNÓFILO II. — Já há um leitor com semelhante pseudónimo. Acrescentei o II ao teu pseudónimo, para evitar confusões. Mas parecia-me preferível que adoptasses o *Durbinófilo* ou outro, para não haver «qui pro quos»... Aqui deixo assinaladas as iniciais do teu verdadeiro nome, para saberes, que é, de facto, a ti, que me dirijo: F. L. R. P.

DONALDA. — «As respostas de algumas mulheres ao inquérito de *Mulheres* deixaram-me muito fria». Aí está uma coisa por que não me podes ralhar! Acho bem, pois, que atires com o boné para a frente e que rezingues meia-hora, por causa delas... E se achares que é pouco, distribui bicada para a esquerda e bicada para a direita, que a tareia ainda é um grande remédio. Como as «represálias» estão na moda, achava que as deverias mimosear com cartas destinadas a atingir com o dôbro de conceitos, as opiniões vitais dos seus depoimentos... — Não estou de acôrdo contigo: os homens são uns anjos!... Mas experimenta escrever

Correio dos Novos

MARIA GIL. — Obrigado pelas cartas. O seu terceiro artigo é interessante, e vai para a bicha dos que aguardam publicação. Mas, em futuros artigos, escreva dum lado só do papel, que é o preceito.

SEPÚLVEDA. — Muito engraçado e bem escrito o seu artigo sôbre a Ginger. Vai sair. Mande mais.

D. SANTINHO. — Então V. tomou a sério a «tirada» do Ignácio da Purificação, que glosa o velho mote «não presta, mas é nosso»?... Já é ser «Santinho». Valha-o S. Barnabé!

F. SILVEIRA. — Claro que pode colaborar na «Página dos Novos», desde que nos mande coisas que mereçam publicação. Portanto, comece por mandar.

AURÉLIO NUNES. — Pode mandar o que quizer. Depois lhe diremos se é digno de ser publicado ou não. Já foi inscrita no «clube» como viu. E também já viu que o título que propôs não ganhou o prémio.

CARLITOS. — Quem lhe disse que não pode vir a ser um desenhador correcto? Tudo vai de se meter ao trabalho com afinco, pois, das caricaturas que mandou, só a de Hepburn, da Deanna e a do Tyrone não são famosas. Algumas das outras (Stan Laurel, Gable, Mac Murray, Harlow) são boas mesmo. O processo de esfumado é muito original mas, infelizmente, difícil de reproduzir. Mande caricaturas a tinta da china, para ver o que sai.

TOUREIRO À FÔRÇA. — O seu artigo responde à letra a certas ingenuïdade dum outro artigo, curioso aliás, que nos mandou o «Par Invisível». Vai portanto ser publicado juntamente com êle, para estabelecer polémica.

C. F. DOURADO. — A sua carta aberta ao Jerónimo é muita injusta para alguns bons actores. Lá por admirar muito Paul Muni não é motivo para desdenhar outros, que cultivam géneros inteiramente opostos. Não merece portanto publicação.

L. D'OLIVEIRA. — O seu artigo sôbre os pioneiros do cinema não traz qualquer novidade, nem nenhuma ideia pessoal, embora seja uma sincera e justíssima homenagem. O que é preciso é procurar fazer artigos que outros não possam fazer.

EL ESTUDIANTE. — Gostaria que me enviasse directamente um exemplar da «sua» revista, pois não acredito que o «Bel-Tenebroso» largue mais das unhas a que lhe mandou. E não desista! Talvez brevemente o «Animatógrafo» lhe dê uma grande alegria, com uma surpreza que preparamos.

P. POMBO. — O seu reparo de que «Animatógrafo» é «demasiado lisboeta» tem razão de ser. Mas acredite que não é falta de vontade nossa. Ainda não encontramos no entanto, a solução conveniente. Quere experimentar?

ATLETA. — Muito grato pela sua carta e pelas suas palavras. Quando vier a Lisboa apareça. O artigo do «Intercâmbio luso-brasileiro» vai ser publicado.

M. L. S. — Como quere que a inscrevamos no «Clube» sem divulgarmos o seu nome? Que falta de coragem!

D. SANTINHO. — Escreva menos e procure escrever melhor.

JOSEPH BROOK. — O argumento de «They Knew wath they Wanted» já foi escrito por António Carvalho Nunes para a secção das «Estreias». E o restante que manda continua a ser traduzido do «Look». Não será capaz de escrever coisas originais?

LUIZ XV. — Uma escola na Tobis? Que ideia a sua! Somos contra tôdas as escolas «cinéfilas» enquanto não houver producção contínua onde se possam utilizar os que as freqüentem. Por isso condenamos o seu artigo.

RETARDADOR

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

o argumento de *Men*, réplica de *Women*, que eu, pela minha parte, prometo fazer tudo que estiver ao meu alcance, para que chegue às mãos do Selznick ou de outro produtor da Cinelândia... — «Para o Clube de *Animatógrafo* não é preciso ser revacinado pelo menos cinco vezes», não senhor. Basta ser cinéfilo, há dez anos. Tu não deves estar nas condições. Mas espera o tempo preciso, e depois inscreve-te. — Cá tenho o pato que me mandaste, na minha frente. Cada vez que o vejo, lembro-me de ti e só de pensar que tenho que decifrar a tua rôxa letra, fico num estado de consternação indizível. A letra é linda, fora de brincadeira, mas, depois da minha (que é de respeito!...) é aquela que mais dificuldade tenho em decifrar. Como palmípede, que te prezas de ser, não podes escrever melhor. A membrana natatória, não te deixa segurar a caneta; daí, os hieroglifos, modêlo inglês, que me ralam...

OSLEC. — A qualidade do papel em que é impresso *Animatógrafo* deve melhorar, possìvelmente a partir do próximo número. — Transmiti a tua carta a António Lopes Ribeiro, que, estou certo, encaminhará o assunto, que lhe recomendas. O cinema de amadores, sôbre ser uma encantadora distracção, pode ser uma escola de artistas e cineastas.

PINOCCHIA. — Não me promovas à categoria de «Santo Milagreiro». Sou o mais simples dos mortais, e nada mais... — A Exposição foi filmada sob todos os aspectos. Dentro de alguns meses, verás o filme que é a crónica viva de tão maravilhoso e patriótico certame. Transmito a *Dinhamá* e *Maria* as tuas saudações. O resto do recado não dou, porque tenho mêdo de que elas fiquem zangadas comigo... — Não sei porque tens tanto receio de escrever o teu nome...

ANTINEA I. — Não há dúvida *Antinea*, de que és a leitora mais fácil de contentar: «Não me comunicas o nome de nenhuma vedeta para a Separata porque te interessam tôdas as que venham publicadas!» Óptimo. — Norma Shearer tem uma admirável interpretação em os *Loucos Divertem-se*. Faz, de forma notável, o perfil de mentirosa-cabotina. Também gostei muito dela em *Maria Antonieta* e *Mulheres*. — Não me admiro de que os filmes que citas te hajam deixado indiferente. São banais e sem interêsse de maior...

BOB TAYLOR. — O *Animatógrafo* é remetido aos assinantes, de forma a chegar a estes o menos amarrotado possível. — Rita Hayworth é, de facto, uma linda mulher. E de lindas mulheres, está o mundo cheio... — Pelo que vejo, cada semana tens uma estrêla favorita. Acho bem. Pelo menos, variar... — Escreve à Lana Turner, para a Metro-Goldwyn-Mayer Studios Culver City, Califórnia.

AMIGO REAL DE ANIMATÓGRAFO. — Breve daremos pormenores sôbre *Gone with the wind*. No entanto, posso dizer-te que é considerado o maior acontecimento cinematográfico dos últimos anos. É a história dos Estados Unidos, durante a guerra do Norte contra o Sul. Foi extraído do romance do mesmo nome, de Margarett Mitchell que tem cêrca de 1.000 páginas, de formato grande. A autora levou 7 anos a escrevê-lo. O filme é fotografado em tecnicolor. Encerra «clous» espectaculosos e leva quatro horas menos 10 minutos a exibir-se Tem como principais intérpretes: Clark Gable, Vivien Leigh *(lê-se «Vivian li»)*, Leslie Howard e Olivia de Havilland — *Hollyood Hotel* é uma produção da Warner Bros.

Bel-Tenebroso

DOIS ÊXITOS EM PERSPECTIVA



A Lisboa Filme vai apresentar Jean Gabin e Michèle Morgan, dois grandes nomes do cinema francês, em «Longe do Mundo» (Le Récif de Corail), um filme de interêsse e de emoção



Também a Lisboa Filme tem prestes a estrear uma comédia movimentadíssima intitulada «Milionário a Dias» e que a linda Jean Parker e Douglas Montgomery interpretam

O REFERENDUM DOS RETRATOS

Ann Rutherford e Gary Cooper

foram, esta semana, os mais votados pelos nossos leitores

O referendum do «Animatógrafo» é já, dentro da nossa redacção, uma secção especial das que dá muito que fazer; e mais, além disso: uma secção que interessa todos quantos aqui trabalham que também já seguem, dia a dia, as alterações da classificação provocadas pelas centenas de senhas chegadas tôdas as semanas.

Apesar da luta rija que se travou nos primeiros lugares as classificações mantiveram-se sem mudanças sensacionais.

Mas nos últimos dez houve pequenas alterações curiosas.

A última contagem deu os seguintes resultados:

ACTRIZES

1.° Ann Rutherford
2.° Dorothy Lamour
3.° Mirna Loy
4.° Deanna Durbin
5.° Maria da Graça
6.° Greta Garbo
7.° Joan Bennett
Lana Turner
9.° Joan Crawford

ACTORES

1.° Gary Cooper
2.° Clark Gable
3.° Mickey Rooney
4.° Spencer Tracy
5.° Robert Stack
6.° William Powell
7.° Richard Green
Cary Grant
9.° James Stewart
10.° Henry Fonda
Paul Muni
Nelson Eddy

Os leitores entraram na completa compreensão do sistema e, assim, para os actores de que se publicam os retratos deixam de, normalmente, aparacer votos. Três curiosas excepções se apresentam e merecem especial menção: Deanna Durbin, e Mickey, Rooney, apesar de já terem saído os seus retratos e a nossa Maria da Graça, mesmo depois de ter ilustrado a nossa capa do Natal, continuam a ser intensamente votados e, já dentro dos lugares de honra, continuam a subir.

Dois nomes novos apareceram entre as dez primeiras mulheres — Lana Turner e Joan Crawford. Dois desapareceram mas apenas por muito poucos votos e estão nos lugares próximos para reentrarem novamente quando os nossos leitores quiserem.

Vamos a votos, minhas Senhoras e meus Senhores, vamos a votos!

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo os retratos seguintes:
Actriz: ....
Actor: ....

OUR GUESTS...

(OS NOSSOS HOSPEDES)



VIVIEN LEIGH

O «Tio Sam» glorifica Laurence e Vivien, conquista para êle o Amor e oferece-lhe, como prenda de noivado, um grande filme — «Lady Hamilton».

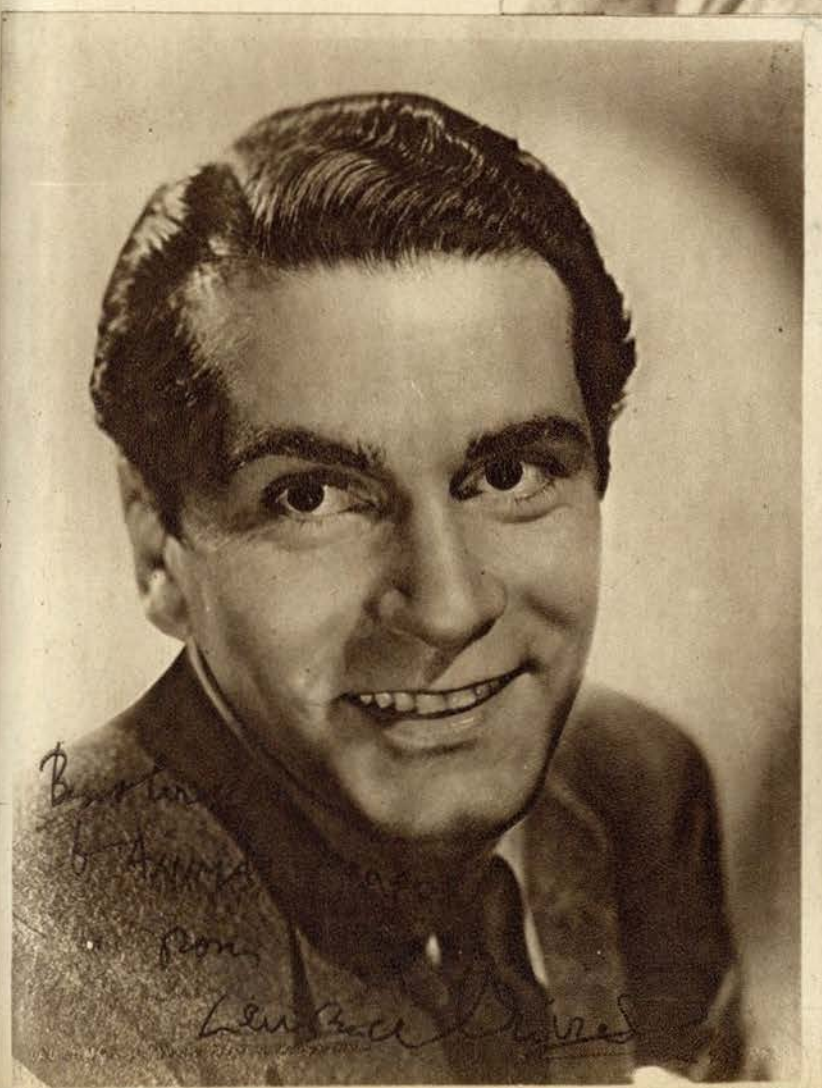
Podia muito bem ser êste o título desta página, em que se vai falar um pouco da sua vida e da sua arte, da sua carreira e dos seus êxitos. É fóra de dúvida que muito ficam devendo ao Novo Mundo, o seu Eldorado. Gosando na sua terra uma nomeada de trazer por casa, como é hábito da Velha Europa, nos Estados Unidos tropeçam com a celebridade. Hollywood obriga-os a conviver, e faz deles marido e mulher.

Vivien Leigh traz nos seus olhos glaucos a nostalgia e o desconhecido da Índia misteriosa e distante, feiticeira e irresistível, das páginas maravilhosas de Kipling. Foi lá, em Darjeeling, que Vivien nasceu em 1913, aos cinco dias do mês de Novembro. Mas cedo veio para o coração do seu Império, e aí fez os seus primeiros estudos num colégio católico de Londres, onde teve por condiscípula uma jovem portuguesa de nobre família. Aos 12 anos matricula-se no Conservatório de Paris e aos dezassete conclui na Royal Academy of Dramatic Art, de Londres, o seu curso de teatro.

Mas é em Paris que ela fez a sua estreia no palco. Volta a Londres, onde interpreta «The Mask of Vertue», uma peça que a coloca em destaque. Como natural consequência, o cinema chama-a para os seus estúdios e neles faz «The Village Squares», «Look Up and Laugh», «Dark Journey», «Inglaterra em Chamas», «Tempestade num copo de Água», «The First and the Last», «O Estudante de Oxford».

A sua consagração vem depois, quando David Selznick faz dela a Scarllett O'Hara de «Gone With the Wind, — que lhe daria o prémio de interpretação da Academia Americana — depois de ter posto de parte Norma Shearer e Tallulah Bankhed, Miriam Hopkins e Margaret Sullavan, Katharine Hepburn, Paulette Goddard, Bette Davis...

«Watterloo Bridge», com Robert Taylor, é o seu segundo filme americano. E dias antes de chegar a Lisboa terminou «Lady Hamilton», uma produção de Alexander Korda, para a United Artists.



LAURENCE OLIVIER

Nas veias de Laurence Olivier corre sangue francês, por ser descendente dum huguenote que, como tantos outros outros franceses, demandou a Inglaterra na jornada trágica de São Bartolomeu. Foi seu pai, um padre protestante duma igreja de Londres, que o encaminhou na direcção do teatro, onde aos nove anos fazia o seu primeiro papel. Freqüenta Oxford, que abandona pela Central School of Dramatic Art onde a grande Sibyl Thorndyke tem nele o seu discípulo querido. Com ela aparece em «Henrique VIII» e por sua interferência entra para a companhia de Sir Barry Jackson.

As grandes peças como «Adding Machine» de Elmer Rice, para o qual aprende o sotaque americano, «Journey's End», «Private Lives» de Noel Coward, são notáveis criações suas. Em 1937 passa a partencer aos Old Vic's como elemento de destacada categoria, fazendo nesse grupo famoso, que Lisboa viu já, todo o reportório de Shakespeare.

No cinema inglês tem duas interpretações dignas de nota: no «Divórcio da Lady X», com Merle Oberon, e em «Inglaterra em Chamas», ao lado de Flore Robson, onde pela primeira vez encontra Vivien Leigh. Na América três são as suas grandes criações: Heathcliff do «Monte dos Vendavais», Máximo de Winter em «Rebecca» e o protagonista de «Orgulho e Preconceito», que a Metro Goldwyn Mayer apresentará. O Lord Nelson de «Lady Hamilton», que há três semanas concluiu sob a direcção de Alexander Korda, é o seu mais recente papel cinematográfico, do qual êle de certo fez uma criação vigorosa e séria.

Laurence Olivier, que na vida real tem uma aparência mais jovem que aquela a que o cinema nos habituou, nasceu em Dorking, no condado de Surrey, a 22 de Maio de 1907. Em 1939 divorcia-se de Jill Esmond, com quem se casara dez anos antes, e em Março de 1940 casa com Vivien Leigh.

A sua paixão pelo teatro de Shakespeare, que é nele quási uma obsessão, levou-o a fazer, o ano passado, uma grande «tournée» pelos Estados Unidos com o «Romeu e Julieta», de que êle e sua mulher foram protagonistas.

JAIME DE CASTRO

Os dois retratos que ilustram esta página foram amàvelmente dedicados ao «Animatógrafo» e aos seus leitores pelo próprio punho dos simpatiquíssimos artistas que nos visitaram na última semana.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



MAUREEN O'HARA
é sem dúvida uma das mais lindas caras do cinema. A Rádio Filmes, que a revelou em «Nossa Senhora de Paris», vai apresentá-la brevemente em «Dança, Rapariga!» (Dance, Girl, Dance), um filme excelente.

ESTE NUMERO CONTEM 2 RETRATOS-BRINDE: ANN RUTHERFORD e GARY COOPE